



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS - CAPF**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA INGLESA**

**ÉRIKA DA SILVA LIMA**

**A VOZ E RESISTÊNCIA FEMININA DE ANNE SHIRLEY EM *ANNE DE GREEN*  
*GABLES* (1908): UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E DA AVALIATIVIDADE**

**PAU DOS FERROS / RN**  
**2024**

**ÉRIKA DA SILVA LIMA**

**A VOZ E RESISTÊNCIA FEMININA DE ANNE SHIRLEY EM *ANNE DE GREEN GABLES* (1908): UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E DA AVALIATIVIDADE**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras – DLE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Pau dos Ferros – CAPF, como pré-requisito para a obtenção do título de graduado em Letras, habilitação em Letras - Língua Inglesa.

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Roberto da Silva Santos**

**PAU DOS FERROS / RN  
2024**

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L732v Lima, Érika da Silva  
A VOZ E RESISTÊNCIA FEMININA DE ANNE SHIRLEY EM ANNE DE GREEN GABLES (1908): UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E DA AVALIATIVIDADE. / Érika da Silva Lima. - PAU DOS FERROS - RN, 2024.  
58p.

Orientador(a): Prof. Dr. FRANCISCO ROBERTO DA SILVA SANTOS.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Anne de Green Gables, resistência, análise crítica do discurso, avaliatividade, normas sociais.. I. SANTOS, FRANCISCO ROBERTO DA SILVA. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**ÉRIKA DA SILVA LIMA**

**A VOZ E RESISTÊNCIA FEMININA DE ANNE SHIRLEY EM ANNE DE GREEN  
GABLES (1908): UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E DA AVALIATIVIDADE.**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras – DLE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Pau dos Ferros – CAPF, como pré-requisito para a obtenção do título de graduado em Letras, habilitação em Letras - Língua Inglesa.

Aprovada em: 04/12/2024.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Francisco Roberto da Silva Santos (Orientador)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** FRANCISCO ROBERTO DA SILVA SANTOS  
Data: 23/01/2025 13:55:01-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Ma. Francisca Naiane da Costa Silva  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** FRANCISCA NAIANE COSTA DA SILVA  
Data: 23/01/2025 20:32:31-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ROSANGELA ALVES DOS SANTOS BERNARDINI  
Data: 24/01/2025 07:59:56-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**PAU DOS FERROS/RN  
2024**

A minha mãe Francisca, que lutou incansavelmente para que eu chegasse até aqui, ao meu pai Joatan, que não mediu esforços para me ajudar, às minhas irmãs Jessyka e Clara, que são minha fonte inesgotável de apoio, e àqueles que já não estão mais aqui. A vocês que me deram força e são minha força, dedico cada página desse trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais que enfrentaram diversas batalhas ao longo de suas vidas, mas que jamais mediram esforços para que eu concluísse essa graduação, e sempre serão maus exemplos de determinação e força.

Aos meus amigos que estão sempre comigo e são essenciais na minha vida: Clara, Jessyka, Ellen, Hyago, Adrian, Marco Aurélio, Ryam e Paulo. Muito obrigada por cada conselho, risadas e momentos compartilhados.

Aos amigos que fiz na graduação, em especial aos que fazem parte do *Pantheon*: Wilde, Yasmin, Patrícia, Denilto e Luiz. Obrigada pelos momentos que compartilhamos, pelos trabalhos, pelas risadas e por tornarem esse caminho mais leve.

Ao meu professor orientador: Dr. Francisco Roberto da Silva Santos, por sua orientação, dedicação e paciência ao longo desse processo, seu conhecimento e sugestões foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço imensamente a banca avaliadora: Profa. Ma. Francisca Naiane da Costa Silva e Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino, pela disponibilidade e pelas contribuições vindas que ampliaram a qualidade desse trabalho.

E a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização desse trabalho, muito obrigada.

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite.  
Que a liberdade seja a nossa própria  
substância, já que viver é ser livre.”  
(BEAUVOIR, 2022)

## RESUMO

A pesquisa analisa como os discursos da protagonista Anne Shirley, no romance *Anne de Green Gables* (1908), de Lucy Maud Montgomery, desafiam normas sociais e promovem o empoderamento feminino. Utilizando a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough e o Sistema da Avaliatividade de Martin e White, o estudo investiga as emoções, julgamentos e interações de Anne enquanto resistência às imposições de gênero de uma sociedade patriarcal. Fundamentado também na Teoria Feminista, conforme Beauvoir e Butler, o trabalho explora como a narrativa evidencia desigualdades e propicia a subversão de expectativas normativas. Por meio de uma análise qualitativa de trechos selecionados da obra, examina-se a construção discursiva de Anne, com foco em seus processos avaliativos e dinâmicas de poder. Os resultados destacam como a personagem utiliza a linguagem para afirmar sua identidade, desafiando normas sociais e promovendo reflexões sobre a autonomia e a igualdade de gênero. Por fim, esse estudo contribui para o campo dos estudos literários e da Análise Crítica do Discurso, ao demonstrar como o discurso pode ser uma ferramenta de resistência e empoderamento em contextos de normatividade social.

**Palavras-chaves:** Anne de Green Gables; resistência, análise crítica do discurso; avaliatividade; normas sociais.

## ABSTRACT

The research analyzes how the discourses of Anne Shirley, the protagonist of *Anne of Green Gables* (1908) by Lucy Maud Montgomery, challenge social norms and promote female empowerment. Employing Fairclough's Critical Discourse Analysis (CDA) and Martin and White's Appraisal System, the study investigates Anne's emotions, judgments, and interactions as acts of resistance to the gender constraints of a patriarchal society. Grounded in Feminist Theory, as proposed by Beauvoir and Butler, the research explores how the narrative highlights inequalities and enables the subversion of normative expectations. Through a qualitative analysis of selected excerpts from the novel, the study examines Anne's discursive construction, focusing on her evaluative processes and power dynamics. The findings emphasize how the character uses language to assert her identity, challenge societal norms, and inspire reflections on autonomy and gender equality. Finally, this study contributes to the fields of literary studies and Critical Discourse Analysis by demonstrating how discourse can serve as a tool for resistance and empowerment in contexts of social normativity.

**Keywords:** Anne of Green Gables; resistance; critical discourse analysis; appraisal system; social norms.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Raízes Da Análise Crítica Do Discurso.....</b>	<b>14</b>
2.1.1 O discurso enquanto ação na sociedade.....	15
2.1.2 Ideologia e hegemonia na construção identitária.....	16
<b>2.2 Contribuições do Sistema da Avaliatividade na Análise de Discurso.....</b>	<b>18</b>
2.2.1 O Sistema Atitude.....	20
2.2.2 O Sistema Engajamento.....	22
2.2.3 O Sistema de Gradação.....	23
<b>2.3 A Personagem Feminina Como Espaço De Resistência: Perspectivas Da Teoria Feminista.....</b>	<b>25</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
<b>4 AVALIATIVIDADE E SUBVERSÃO: CONSTRUÇÃO DA RESISTÊNCIA FEMININA DE ANNE SHIRLEY.....</b>	<b>32</b>
4.1 Os Processos Avaliativos nos Discursos de Anne Shirley e a Construção da Sua Identidade Feminina.....	33
4.2 As interações sociais de Anne Shirley e as dinâmicas de poder.....	42
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Lucy Maud Montgomery, nascida em 30 de novembro de 1874, foi uma escritora canadense, autora de uma série de romances que se iniciou com “Anne of Green Gables” (Anne de Green Gables) em 1908, que obteve sucesso rapidamente após a sua publicação. A obra é um clássico da literatura infantojuvenil e narra a história de uma garota órfã que foi enviada por engano à fazenda de Green Gables, quando os irmãos Cuthbert estavam à procura de um garoto para ajudá-los nos trabalhos da fazenda.

Anne de Green Gables, é ambientada em uma vila fictícia chamada Avonlea, no Canadá. Uma vez que foi publicada no início do século XX, a sociedade canadense, como muitas outras, era fortemente patriarcal, no entanto a personagem não tinha consciência das normas sociais e religiosas estabelecidas pela sociedade conservadora da cidade. Nesse cenário, a obra literária emerge como uma rica fonte para a análise dos discursos da personagem principal, Anne Shirley, que busca seu lugar na sociedade e questiona as normas que a cercam, através da sua personalidade e interações com o mundo ao seu redor.

Ao longo da narrativa a personagem se destaca por sua personalidade forte e características que por diversas vezes entram em conflito com as expectativas do comportamento feminino da época. Desse modo, buscamos investigar como a personagem Anne Shirley desafia as normas sociais e de gênero vigentes, promovendo o empoderamento feminino através dos seus discursos, considerando os processos avaliativos e as dinâmicas de poder presentes em suas interações com outros personagens.

A pesquisa se motiva pela necessidade de analisar criticamente o discurso que desafia a normatividade presente na obra ANNE DE GREEN GABLES, destacando como a voz e as ações da personagem confrontam as normas sociais e de gênero que influenciam a sociedade.

Dessa maneira, a análise de ANNE DE GREEN GABLES, de Lucy Maud Montgomery, e suas adaptações tem despertado o interesse acadêmico em diversas áreas, como literatura, estudos de gênero, tradução intersemiótica e educação. A

seguir, são apresentados os principais trabalhos encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com foco em sua relevância para o tema da seguinte pesquisa.

Jessica Sousa Ferreira Marques, em “ A leitura do feminino em Anne de Green Gables e Anne com E” (2023), analisa a retextualização do feminino na obra original e na série “Anne com E” (2017), explorando como aspectos relacionados à sociedade, educação e cultura refletem as vivências da personagem Anne Shirley. Esse estudo destaca o papel da tradução intersemiótica em promover diálogos entre culturas e em atualizar a obra para novos públicos.

De forma complementar, Raianny Oliveira da Silva, na sua dissertação “Anne de Green Gables: personagem, texto, imagem e múltiplos dizeres” (2022), investiga a transposição da personagem Anne Shirley para a narrativa audiovisual. A pesquisa discute a manutenção e potencialização de traços como feminismo, imaginação e insurgência na série televisiva, enfatizando como a adaptação dialoga com temáticas contemporâneas.

Margaret Maria de Melo, em “Das páginas às telas: a travessia de Anne com E” (2022), examina as narrativas literárias e audiovisuais, centrando-se na construção de Anne Shirley como uma figura atemporal que transcende barreiras culturais e temporais. O estudo aborda a incorporação de temas atuais na adaptação, como diversidade, bullying, e liberdade de expressão, o que amplia o alcance da obra original.

Katia Barros de Macedo, em “Anne Shirley do século XXI: a adaptação da personagem na série Anne with an E” (2021), foca nos recursos audiovisuais utilizados no episódio-piloto da série, como flashbacks e falas de impacto, para apresentar Anne ao público moderno. A autora também explora a influência do streaming na disseminação e recepção de conteúdos audiovisuais.

Jessica Thaianny Silva Neves, em “Anne of Green Gables: análises imagético-textual entre livro e novela gráfica pela tradução intersemiótica” (2021), analisa a adaptação do romance para a graphic novel homônima, investigando como elementos visuais constroem a personagem. O estudo ressalta a expressividade e o temperamento de Anne, embora observe a suavização de aspectos femininos no formato gráfico.

Tatiane Rodrigues de Lopes dos Santos, em “As potencialidades da obra Anne de Green Gables na formação do jovem leitor” (2023), aborda a relevância da narrativa para a formação do leitor jovem. Fundamentada na Estética da Recepção e na Crítica Feminista, a autora destaca o papel da obra na promoção de reflexões críticas sobre identidade e pertencimento.

Por fim, Keyla Marcelle Gatinho Silva, em “As marcas dos (des)afetos em Anne de Green Gables” (2023), apresenta uma proposta metodológica para o ensino de literatura, focando nas emoções que o texto desperta no leitor. A pesquisa busca aprimorar práticas docentes e contribuir para o desenvolvimento da competência leitora.

Apesar da riqueza dessas abordagens, verifica-se a ausência de estudos que combine a análise de Anne de Green Gables com Análise Crítica do Discurso (ACD). O presente trabalho traz uma análise inédita da obra e inova ao explorar como os discursos de Anne Shirley desafiam normas sociais e relações de poder, aplicando a ACD e a Teoria da Avaliatividade. Dessa forma, contribui para expandir os debates sobre representações femininas e discursos de resistência na literatura e na sociedade.

Assim, nosso objetivo geral busca: analisar como os discursos de Anne Shirley desafiam as normas sociais e promove o empoderamento feminino no livro ANNE DE GREEN GABLES (1908) da autora Lucy Maud Montgomery, e temos como objetivos específicos a) descrever os processos avaliativos presentes nos discursos de Anne Shirley; b) investigar como esses processos avaliativos expressam sua resistência às normas sociais e constroem sua identidade e, c) examinar como as dinâmicas poder se revelam nas interações de Anne com outras personagens.

Para que possamos atingir esses objetivos, nossa pesquisa envolve uma abordagem qualitativa interpretativista, onde a análise dos discursos se baseia na Análise Crítica do Discurso (Fairclough) aliada à exploração do Sistema da Avaliatividade (Martin e White, 2005), além da Teoria Feminista (Butler, Beauvior) para enriquecer a interpretação e representação feminina na obra.

A pesquisa se divide em mais 4 capítulos além da introdução, sendo elas: Capítulo 2 - Aportes Teóricos, onde fazemos uma revisão da literatura, e vemos os conceitos principais das teorias adotadas; seguido pelo Capítulo 3 - Metodologia, onde explicamos as escolhas feitas e o corpus desta pesquisa. No capítulo 4 – Avaliatividade

e Subversão, estão contidas duas subseções, onde serão analisados os processos avaliativos, e em seguida as dinâmicas de poder presentes nas interações. E, por fim, temos o nosso capítulo conclusivo, onde discutiremos sobre os resultados encontrados ao longo da análise.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Este capítulo se concentra na contextualização da Análise Crítica do Discurso (ACD), como uma abordagem teórico-metodológica fundamental para compreender as dinâmicas discursivas presentes em ANNE DE GREEN GABLES. Abordaremos seu desenvolvimento e conceitos fundamentais com base no que é discutido por Norman Fairclough (1992, 1995, 2013) tais como discurso, prática discursiva, prática social, identidade, ideologia e hegemonia. Adicionalmente, apresentamos o Sistema da Avaliatividade e suas contribuições para a análise de discursos, discutidos por Martin e White (2005), Oliveira (2014), e Rasquel (2019).

Além disso, exploramos a teoria feminista e suas contribuições para uma análise crítica da representação feminina e das estratégias discursivas presentes na obra. Discutiremos sobre conceitos fundamentais como identidade de gênero e desigualdade, para isso nos valeremos dos princípios de autoras como Simone de Beauvoir (2009) e Judith Butler (2003, 2019).

### **2.1 Raízes Da Análise Crítica Do Discurso**

A Análise Crítica do Discurso (ACD) configura-se como um campo de estudo interdisciplinar, que busca analisar de maneira crítica os laços entre a linguagem e a sociedade e se concentra em como o discurso reflete, mantém e transforma as estruturas sociais. A ACD é fruto das pesquisas de diversos estudiosos, destacando-se Norman Fairclough e a sua proposta teórico-metodológica, Teoria Social do Discurso. Conforme Resende e Ramalho (2006), a teoria desenvolvida por Fairclough, baseia-se na visão de que a linguagem é um elemento inseparável da vida social, estabelecendo relações com outros fatores do meio social.

Dessa forma, a abordagem supracitada oferece uma perspectiva fundamental para compreendermos como a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo da construção das relações sociais, de poder e ideologias presentes na sociedade. Uma vez que, em concordância com Resende e Ramalho (2004) o discurso é uma forma de prática social que é ao mesmo tempo constitutivo é constituído pelas variáveis presentes no contexto social e nas ordens discursivas.

Fairclough (1995, p. 7), argumenta que “o ‘discurso’ é o uso da língua considerado como uma forma de prática social e a análise do discurso é a análise de como os textos funcionam dentro da prática sociocultural.”<sup>1</sup> Portanto, a análise do discurso não se limita à análise de palavras ou frases, mas busca compreender como o discurso influencia e é influenciado por estruturas sociais, políticas e culturais.

De acordo com Fairclough (1992), é essencial desenvolver abordagens transdisciplinares para a análise de textos, abarcando perspectivas sobre a linguagem e o discurso resultantes da teoria social e da pesquisa, sugerindo que os textos não existem isoladamente, mas estão imersos em contextos sociais, culturais e históricos. Portanto, ao compreendermos essa multiplicidade de ângulos, podemos obter insights mais profundos sobre a função e o impacto dos textos na sociedade.

### 2.1.1 O discurso enquanto ação na sociedade

O discurso permite que as pessoas influenciem o mundo e os outros, moldando comportamentos e atitudes, além de expressar ideias e valores, refletindo a compreensão da realidade. Essa concepção é confirmada por Fairclough (2013, p. 91), que afirma que “implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo especialmente sobre os outros, como também um modo de representação.”

Quando falamos do discurso enquanto prática social, precisamos entender a análise tridimensional de Fairclough, para Gomes (2019), esse modelo entende que o discurso é a parte essencial de um processo social e pode promover transformações através das suas próprias práticas discursivas. O modelo de Fairclough se sustenta na ação comunicativa que ocorre em três momentos dos eventos discursivos: o texto, a prática discursiva e a prática social.

Entende-se como prática discursiva a produção e consumo dos textos, processos sociais que estão relacionados aos ambientes e fatores sociais que estão inseridos. Fairclough (2001, citado por Resende e Ramalho 2004: 187), explica que:

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados

---

<sup>1</sup> Tradução para: “discourse is use of language seen as a form of social practice, and discourse analysis is analysis of how texts work within sociocultural practice.” (Fairclough, 1995: 7)

pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto.

Dessa forma, Fairclough destaca que o texto não é apenas um produto isolado, mas um reflexo e um agente das práticas sociais. A prática discursiva, ao conectar produção, interpretação e contexto social, evidencia que os textos carregam marcas das condições sociais e, ao mesmo tempo, contribuem para moldar essas mesmas condições, em um ciclo contínuo de interação e transformação.

Em consonância com Gomes (2019, p. 59),

a terceira dimensão do modelo tridimensional compreende o discurso enquanto prática social, considerando os aspectos hegemônicos, em que se situam as problemáticas concernentes à prática social, e ideológicos, que se fundem nos sentidos concedidos às palavras, no estilo textual, nas pressuposições e nas metaforizações.

A prática social, portanto, não apenas influencia mas também é influenciada pelas práticas discursivas, criando um ciclo contínuo de interação e transformação. Esse ciclo pode ser observado em diversos contextos, como na mídia, onde os discursos jornalísticos não só refletem as condições sociais e políticas, mas também moldam a percepção pública. Segundo Fairclough (1992), essa relação dialética entre discurso e a sociedade demonstra que as mudanças sociais e as transformações discursivas estão intimamente ligadas.

### 2.1.2 Ideologia e hegemonia na construção identitária

De acordo com Fairclough (1992), as práticas discursivas não apenas moldam os sujeitos, mas também constituem e reproduzem as relações de poder e os sistemas ideológicos dominantes. Nesse sentido, entender a dinâmica entre ideologia e hegemonia na construção identitária dentro do contexto social é essencial para desvendar como os discursos moldam percepções e normas dentro de uma sociedade.

Dentro de um contexto social, as ideologias desempenham um papel fundamental na formação das identidades individuais e coletivas, moldando a maneira como os sujeitos interpretam suas experiências e as suas relações com os outros. Dessa forma,

a ideologia está profundamente ligada ao poder, uma vez que aqueles que controlam os discursos dominantes também têm a capacidade de influenciar e determinar o que é considerado normal ou aceitável na sociedade. Por ideologia Fairclough (1992) entende que

[...]são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (Fairclough, 1992, p.117).

Ainda discorre que “as ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender a ideologia.” (Fairclough, 1992, p. 21). O que significa dizer que, as ideologias frequentemente emergem em contextos em que existem dinâmicas de poder e dominação, moldadas por fatores como classe, gênero e cultura. Essas ideologias tendem a manter e justificar essas relações desiguais, no entanto, essa transcendência é crucial para o avanço social, permitindo que se desafiem as normas opressivas e se construa uma sociedade mais justa.

Para aprofundar a compreensão de ideologia, faz-se necessário entender que não são estáticas, pois existem lutas pela hegemonia nos discursos. Diante disso, Fairclough usa o conceito de hegemonia elaborado por Gramsci, e concorda com as suas discussões a respeito de discurso, deixando claro que “hegemonia: ‘harmoniza-se com a concepção de discurso que defende e fornece um modo de teorização sobre a mudança discursiva.’” (Fairclough, 2016, p. 127, citado por Silva, Maia e Muller, 2019, p. 95).

De acordo com Silva, Maia e Muller (2019), Fairclough destaca que a hegemonia envolve liderança e dominação em diversos níveis da sociedade, afetando a economia, política, cultura e ideologias. Essa liderança é exercida pelas classes economicamente mais estáveis, que têm prestígios por suas posições no mundo produtivo. Assim, a hegemonia é o poder dessas classes como um todo.

Sob esse viés, é necessário entender que os sujeitos são estruturados por um grande número de ideologias que podem ser articuladas e rearticuladas nas práticas discursivas dos sujeitos. Silva, Maia e Muller (2019) explicam que

Tudo isso colabora para uma concepção muito cara para ADC de que os sujeitos “são também agentes sociais criativos, capazes de criar e mudar coisas” (RESENDE; RAMALHO, 2006. 78). Em outras palavras, não podemos desconsiderar a capacidade de agência dos sujeitos, isto é, a sua capacidade de agir dentro das suas várias possibilidades, seja para reproduzir uma hegemonia existente ou mesmo para resistir ou confrontá-la. (Silva, Maia e Muller 2019, p. 95).

Destaca-se, portanto, a importância de reconhecer os indivíduos não apenas como produtos passivos das estruturas sociais, mas como agentes ativos capazes de influenciar e transformar seu ambiente. Isso significa que eles podem tanto contribuir para a manutenção de sistemas de poder existentes quanto desafiá-los.

A ACD enfatiza que o discurso não é apenas um meio de comunicação social, mas também um agente ativo na construção das relações sociais, de poder e de ideologia. Nesse contexto a avaliação, conforme Fairclough (2003), emerge como uma categoria essencial de análise que permite compreender como os discursos não apenas refletem, mas também moldam as dinâmicas sociais. Dessa forma, o Sistema da Avaliatividade de Martin e White (2005) pode contribuir para a análise identificando como diferentes elementos de avaliação estão presentes no discurso.

## **2.2 Contribuições do Sistema da Avaliatividade na Análise de Discurso**

O Sistema da Avaliatividade descrito por Martin e White (2005), se configura como uma abordagem “que explora, descreve e explica a forma pela qual a língua é utilizada para avaliar, adotar uma postura, construir personas textuais e lidar com posicionamentos interpessoais.” (Oliveira, 2014, p. 248), desse modo esse sistema busca compreender como os falantes/escritores utilizam a linguagem para expressar suas opiniões, julgamentos e atitudes relacionadas a diferentes temas ou eventos.

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) desenvolvida por Michael Halliday a Avaliatividade é um sistema semântico-discursivo e está ligada à metafunção interpessoal que se refere à maneira como as interações sociais são estabelecidas nos

textos, ou seja, como o falante se posiciona em relação ao ouvinte e ao conteúdo discursivo. Conforme discutido por Oliveira (2014), Martin e White (2005, p.33) explicam que a avaliação está inserida no nível da semântica do discurso: “podemos localizar a avaliação como um sistema interpessoal ao nível da semântica do discurso”.

White (2004, citado por Oliveira 2014) afirma que essa abordagem não se concentra apenas na forma como o falante/ouvinte expressa suas posições e pensamentos, mas sim na língua como um instrumento de interação social que permite que indivíduos adotem posições de valor. Ao se comunicar, o indivíduo pode unir-se ou distanciar-se de um determinado grupo social, utilizando a linguagem como um meio de afastar-se ou alinhar-se a certos interesses e valores. Esse processo ocorre sempre dentro de um contexto comunicacional específico, em que as interpretações dependem das normas sociais daquele ambiente. Dessa forma, White sugere que a língua vai além da comunicação pessoal, sendo uma grande ferramenta para a construção de identidades e relações sociais. (Oliveira, 2014).

Nas palavras de Oliveira (2014, p. 250), “as escolhas linguísticas utilizadas pelo falante/escritor para avaliar pessoas, objetos e situações, estão impregnadas de crenças, valores, concepções sobre o mundo, ou seja, refletem ideologias e a cultura nas quais os sujeitos estão inseridos.”. Assim, entendemos que essas expressões linguísticas não são apenas instrumentos de comunicação e que por meio delas, são evidenciadas hierarquias sociais, estereótipos e preconceitos que podem reforçar ou contestar normas estabelecidas. Nessa perspectiva, a Avaliatividade procura entender de que forma o falante emprega a linguagem para avaliar, posicionar-se, julgar e expressar apreciações sobre aspectos da realidade.

Existem três sistemas que compõem essa abordagem, sendo eles: Atitude, Engajamento e Gradação. A Atitude se refere a expressão de sentimentos e emoções em relação a pessoas, objetos e situações, o Engajamento trata-se da forma como o falante se envolve na comunicação e estabelece sua posição em relação aos outros interlocutores, e a Gradação está relacionada à intensidade das avaliações. Cabe ressaltar que para a nossa análise exploraremos apenas os sistemas de Atitude e Gradação.

### 2.2.1 O Sistema Atitude

O sistema da Atitude proposto por Martin e White (2005), é subdividido em três subsistemas principais: afeto, julgamento e apreciação. Segundo Martin e White (2005), a atitude aborda os recursos semânticos que permitem expressar emoções, julgamentos éticos e avaliações estéticas, sendo essas três dimensões correspondidas respectivamente aos subsistemas de avaliações de afeto, julgamento e apreciação. (Oliveira, 2014).

Rasquel (2019) discorre que o subsistema do Afeto no sistema da Atitude, de acordo com Martin e White (2005), envolve a expressão de emoções e sentimentos. Ele se divide em categorias de (In)felicidade, que trata das emoções ligadas ao coração, que incluem a raiva, tristeza, felicidade e etc.; (In)segurança que está associada às emoções de bem-estar social como ansiedade, medo, desconfiança; e (In)satisfação, que estão relacionadas às metas e objetivos como tédio, prazer etc. Essas categorias manifestam-se por meio de recursos linguísticos implícitos ou explícitos.

Oliveira (2014, p. 252) afirma que “o subsistema Afeto está presente nos enunciados em que as avaliações são direcionadas e afetam diretamente ao avaliador”, ou seja as avaliações são influenciadas por sentimentos e relações, e não apenas por dados ou fatos.

Dessa forma, o subsistema Afeto desempenha um papel fundamental ao moldar como os falantes interagem emocionalmente com seus interlocutores. Rasquel (2019) observa que o Afeto não apenas expressa emoções individuais, mas também configura alianças discursivas e constrói relações de solidariedade ou oposição, dependendo de como o sentimento é expressado.

O segundo subsistema da Atitude, intitulado como Julgamento, conforme Martin e White (2005), foca nas avaliações de comportamentos éticos e morais dos indivíduos, permitindo julgamentos sociais, sendo essas avaliações positivas ou negativas, refletindo a forma como as ações dos indivíduos são observadas e julgadas pela sociedade.

O Julgamento é dividido em duas categorias: Estima Social, que se refere à avaliação moral que eleva ou rebaixa um indivíduo na estima da sua comunidade. Segundo Martin e White (2005) essa categoria está relacionada aos aspectos de:

*Normalidade*: Quão normal ou especial uma pessoa é;

*Capacidade*: Quão capaz uma pessoa é considerada;

*Tenacidade*: Quão resoluta uma pessoa é vista em relação às suas ações.

Ainda conforme os autores, a segunda categoria do Julgamento é a Sanção Social, que trata das regras e códigos legais estabelecidos por instituições sociais, como leis e normas morais, essa categoria inclui:

*Propriedade*: Relacionada as avaliações sobre a ética das ações das pessoas;

*Veracidade*: Se refere ao quanto uma pessoa é ou não honesta (Rasquel, 2019, p. 62).

Este subsistema, conforme descrito por Rasquel (2019), analisa como os interlocutores avaliam as ações e o caráter dos outros dentro de uma interação discursiva. As escolhas linguísticas feitas pelos falantes em relação ao julgamento irão refletir suas crenças e valores, influenciando as relações interpessoais e as dinâmicas sociais.

O terceiro e último subsistema da Atitude, é a Apreciação que, conforme abordada por Martin e White (2005), representa uma dimensão essencial da Atitude. Ao contrário do Afeto, que se concentra nas respostas emocionais, a apreciação está centrada nos critérios objetivos que determinam o valor de um fenômeno em um determinado contexto. Oliveira (2014) reitera essa concepção edescreve que esse subsistema se divide em:

**Reação**, que corresponde às reações que as coisas provocam nas pessoas, é dividido em *Reação-impacto* e *Reação-qualidade*. Esta se refere à qualidade dos objetos e pode ser identificada por meio das perguntas: As coisas chamam nossa atenção, nos dão prazer? Já aquela corresponde ao impacto que os objetos provocam nas pessoas e pode ser identificada perguntando: Isso corresponde às expectativas? É bem recebido? Mexe comigo? No segundo tipo, **Composição**, que se divide em *Equilíbrio* e *Complexidade*, encontram-se os sentimentos que dizem respeito à avaliação do equilíbrio e complexidade do objeto avaliado. Nesse caso aplicam-se as perguntas: Isso me parece bem elaborado? Foi fácil/difícil de entender? Por último, o tipo **Valoração** que tem a ver com a inovação, autenticidade e relevância do objeto/situação avaliado. Para identificá-lo pergunta-se: Isso valeu a pena? (Oliveira, 2014, p. 254)

Martin e White (2005) ressaltam a importância do Afeto, Julgamento e Apreciação na formação de comunidades baseadas em sentimentos e atitudes compartilhadas e sugerem que as emoções e avaliações que fazemos são complexas e podem variar de intensidade. Isso significa que ao se comunicar estamos construindo uma narrativa que

pode formar laços e conexões com os outros. O quadro a seguir traz um panorama sobre o Sistema Atitude:

**Quadro 01: Sistema Atitude, baseado em Martin e White (2005)**

<b>SISTEMA ATITUDE</b>		
<b>Afeto (emoções)</b>	<b>Julgamento (comportamento dos indivíduos)</b>	<b>Apreciação (objeto)</b>
(In)felicidade (In)satisfação (In)segurança	Estima social (normalidade, capacidade, tenacidade) Sanção Social (veracidade, propriedade)	Reação (impacto, qualidade) Composição (equilíbrio, complexidade) Valoração

**Fonte: Elaboração própria**

### 2.2.2 O Sistema Engajamento

O Engajamento dentro da Avaliatividade, é uma ferramenta que permite analisar como os falantes se posicionam em relação às vozes e perspectivas presentes no discurso. Esse sistema trata de como o falante se envolve ou se alinha com outras posições e vozes, seja para concordar ou discordar, ampliar ou restringir. Segundo Martin e White (2005), como discutido por Rasquel (2019), o engajamento permite que o falante adote uma postura monoglóssica, em que ele não abre espaço para outras vozes, ou heteroglóssica, em que diferentes pontos de vista são considerados. Ainda que não tenhamos utilizado essa categoria na nossa análise, vejamos as suas características no quadro a seguir:

**Quadro 02: Sistema de Engajamento; baseado em Rasquel (2019)**

<b>Sistema de Engajamento</b>	
<b>Expansão</b>	<b>Contração</b>
Ponderação	Contraposição (negação; contraexpectativa)

Atribuição (reconhecimento; distanciamento)	Proposição (concordância; pronunciamento; endosso)
--	---

Fonte: Elaboração própria

### 2.2.3 O Sistema de Gradação

Como último sistema presente na Avaliatividade temos a Gradação que diz respeito à intensificação ou à diminuição dos significados dados nos outros dois sistemas. De acordo com Lima-Lopes e Vian Jr (2007, p. 378), “ao utilizar a gradação, assumimos um sistema que opera em categorias que implicam uma avaliação escalar, envolvendo questões de tamanho, força, vigor, proximidade e assim por diante”, ou seja, quando se usa a gradação estamos organizando ideias, situações ou objetos em categorias que têm diferentes níveis ou intensidades. Esse sistema se divide em duas categorias: a Força e o Foco. A Força está ligada ao grau de intensidade atribuído aos elementos do discurso, enquanto o Foco envolve a direção onde a atenção está concentrada no discurso (Lima-Lopes, Vian Jr, 2007).

Martin e White (2005) dividem a Força em *intensificação* e *quantificação*. A primeira se refere a “gradação de processos, qualidades e indicadores de modalidade” (Souza, 2010, p. 192), desse modo, está ligada ao aumento ou diminuição de uma característica, por exemplo, podemos uma qualidade de algo usando advérbios como “muito” ou “pouco” em relação a um adjetivo.

Souza (2010) apresenta que a intensificação compreende três estratégias de gradação: fusão, isolamento e repetição, que serão explicadas a seguir:

*Fusão*: Ocorre quando o grau de intensidade de uma ação ou qualidade é incorporado diretamente no significado de um único elemento lexical. Isso significa que não é necessário fazer uso de modificadores para expressar intensidade, a própria palavra já carrega uma ideia de intensidade alta, média ou baixa;

*Isolamento*: Nessa estratégia, o grau de intensidade é ajustado de forma externa ao item lexical, por meio de advérbios ou locuções adverbiais que servem para modificar a intensidade de um processo ou qualidade;

*Repetição*: Se trata de uma técnica linguística utilizada para intensificar ou enfatizar uma ideia, sentimento ou informação por meio da repetição de um mesmo item lexical

ou de itens pertencentes a um mesmo campo semântico. Ao repetir uma palavra ou expressão o falante consegue aumentar o impacto da sua mensagem destacando a importância do que está sendo comunicado.

A quantificação diz respeito à gradação de entidades, e, assim como a intensificação, pode ser realizada por meio de isolamento e fusão. Martin e White (2005), dividem a quantificação em: quantidade, volume e extensão.

*Quantidade*: Como o próprio nome indica, se refere a enumerativos quantitativos indefinidos, como “alguns”, “muitos”, “poucos”. Esses numerativos podem intensificar ou reduzir a quantidade de uma entidade;

*Volume*: Relaciona-se ao tamanho, peso, altura e outras características físicas de uma entidade. Essas características classificam a presença de uma entidade, seja em termos de tamanho ou intensidade;

*Extensão*: Refere-se a duas outras subopções: a *distribuição* e *proximidade*, ambas oferecem mobilidade de tempo e espaço. A *distribuição espacial* trata do quão distribuída uma entidade está no espaço, e a *distribuição temporal* significa o quão duradoura é uma entidade no tempo. A *proximidade espacial* avalia o quão perto ou distante uma entidade está no espaço, e a *proximidade temporal* avalia o quão próxima ou distante uma entidade se encontra no tempo.

Já na fusão a gradação da quantificação é incorporada ao próprio substantivo, muitas vezes de forma metafórica. Souza (2010), demonstra essa característica mostrando exemplos como “uma montanha de remédios” e “um mar de oportunidades”. Essas quantificações não são expressadas por modificadores, e sim pelo próprio substantivo metafórico.

O Foco permite a gradação de categorias que em princípio não são passíveis de gradação e se divide em duas opções principais: *acentuação* e *atenuação*. Assim como descreve Souza (2010), a *acentuação* envolve o uso de locuções que enfatizam a essência de categorias semânticas como “puro”, “genuíno”, “real”. Essas locuções ajudam a transformar categorias semânticas em entidades graduadas, indicando um grau de pertencimento à categoria. Por outro lado, a *atenuação* reduz o grau de pertencimento de um item a uma categoria experiencial, o representado como um

membro menos autêntico dessa categoria. Podemos observar as características do sistema de Gradação no quadro a seguir:

**Quadro 03: Sistema de Gradação, baseado em Rasquel (2019)**

<b>Sistema de Gradação</b>			
<b>Força</b>		<b>Foco</b>	
Intensificação	Quantificação	Acentuação	Atenuação
Fusão	Quantidade		
Isolamento	Volume		
Repetição	Extensão (distribuição temporal e espacial; proximidade espacial e temporal)		

**Fonte: Elaboração própria**

Assim, o Sistema da Avaliatividade, enquanto um recurso linguístico-discursivo que expressa juízos, emoções e atitude, possui um papel na análise dos discursos que envolvem questões de gênero no contexto de Anne de Green Gables. Dessa forma, na próxima seção exploraremos as perspectivas da teoria feminista e suas contribuições para a nossa análise.

### **2.3 A Personagem Feminina Como Espaço De Resistência: Perspectivas Da Teoria Feminista**

A construção de personagens literárias desempenha um papel importante na análise crítica do discurso, refletindo não apenas as dinâmicas sociais existentes no enredo mas também os discursos de poder, gênero e identidade. De acordo com Rosenfeld (1998), o papel da personagem em uma obra literária não é um simples reflexo da vida cotidiana, mas sim uma representação densa e profunda de valores humanos, sendo integrada em um complexo tecido de valores cognitivos, religiosos, morais e políticos-sociais, levando essas figuras a enfrentarem situações que as forcem a tomar atitudes em relação a esses valores, especialmente quando há uma colisão entre eles.

Candido (1998, p. 53) afirma que “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do

romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.” Nesse contexto, podemos observar que a narrativa de Anne de Green Gables não apenas acompanha a vida da personagem Anne Shirley, mas é construída a partir da sua personalidade entusiasta, imaginação forte e seu espírito desafiador.

O enredo se desenvolve através de suas experiências, das dificuldades que enfrenta e seus relacionamentos em meio a sociedade conservadora em que Anne vive. Em contrapartida, Anne encontra no enredo as oportunidades para demonstrar sua resistência e questionar as normas impostas, como as expectativas de comportamento feminino, demonstrando sua intenção de seguir um caminho próprio.

Gilligan (1982) destaca como o silêncio feminino é uma forma de conformidade que esconde a voz autêntica e a identidade das mulheres. Ela enfatiza como as mulheres são frequentemente condicionadas a se calarem e suprimirem suas verdadeiras emoções e pensamentos. Anne desafia essa conformidade ao constantemente expressar seus pensamentos e imaginação de maneira vívida, recusando-se a ser silenciada pela sociedade que tenta moldá-la.

Dessa forma, a construção de Anne Shirley como uma figura que resiste às normas impostas no contexto em que ela vive se alinha diretamente aos conceitos da teoria feminista. Ao criticar as estruturas patriarcais que moldam e limitam a vida das mulheres em relação às expectativas sociais do comportamento feminino, a teoria feminista contribui na compreensão de como as personagens literárias podem ser símbolos de resistência.

A teoria feminista emerge como de estudo vital para compreender as dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldam as experiências das mulheres no mundo. Essa teoria busca pela igualdade de gênero e critica as estruturas de poder patriarcais, desafia as normas estabelecidas e promove uma reflexão profunda sobre as interseções entre gênero, classe, etnia e orientação sexual na construção das identidades femininas.

O movimento feminista tem se desenvolvido de diversas maneiras, desde as primeiras ondas do século XIX até as teorias contemporâneas, e nos últimos anos têm influenciado significativamente as políticas públicas em todo o mundo. Diante disso, buscamos compreender os pensamentos das principais expoentes dessa teoria, que

são Judith Butler e Simone de Beauvoir. Para Butler (2003), a crítica feminista não deve apenas analisar as questões relacionadas às mulheres, mas também deve investigar como a própria categoria “mulheres” é moldada e limitada pelas estruturas sociais que reprimem e marginalizam as mulheres.

Segundo Butler (2003, p.23), “a identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento.” Refletindo que a identidade e a representação das mulheres devem ser reconhecidas sem assumir uma presunção prévia de quem elas são ou como devem ser representadas, evitando estereótipos e permitindo uma representação mais autêntica e diversificada das experiências femininas.

De acordo com Beauvoir (2009), as mulheres são definidas em relação aos homens, sendo definida como “outro” em relação ao homem como “o sujeito”, criando uma hierarquia de poder, onde o homem é visto como o “padrão” e a mulher, a “diferente” que se desvia das normas. Beauvoir argumenta que essa diferenciação é socialmente construída e reflete uma dominação que marginaliza as mulheres e reforça os estereótipos de gênero.

Butler (2003) argumenta que entender o gênero como algo que é construído implica dizer que a liberdade e a fluidez das identidades de gênero são moldadas por convenções e expectativas da sociedade que definem como homens e mulheres devem se comportar.

“[...] a ideia de que gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, têm-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino.” (Butler, 2003, p. 26).

A teoria da performatividade de Butler (2019) sugere que o gênero não é algo que se é, mas algo que se faz repetidamente através de atos e comportamentos que estão intimamente ligados à normatividade, e essas normas não apenas definem o que é aceitável dentro de uma determinada identidade de gênero, mas também excluem e

marginalizam aqueles que não se conformam às categorias dominantes de masculinidade e feminilidade.

A psicóloga americana Carol Gilligan (1982) destaca em seu livro “Em uma voz diferente” que a diferença de gênero reflete na forma como homens e mulheres experienciam o mundo e, conseqüentemente, uma diferença de voz e uma diferença no discurso moral. Gilligan (1982) sugere que as mulheres desenvolvem uma abordagem mais relacional e empática para lidar com dilemas morais, devido às suas experiências únicas de socialização. Em contraste, os homens, por sua socialização, tendem a valorizar princípios de justiça e regras universais.

Coward (1983) argumenta que as relações de poder entre os sexos são naturalizadas e perpetuam a desigualdade de maneira sutil e constante, se alinhando com a concepção de Butler (2003, 2009) sobre a construção social das identidades de gênero, destacando como as normas sociais naturalizam papéis específicos, limitando a liberdade individual. Ainda aponta que a representação da mulher na cultura reforça a ideia de que a feminilidade está intrinsecamente ligada à subordinação.

Ao entender a construção social das identidades femininas e a perpetuação das normas de gênero é crucial também entender como essas estruturas geram e mantêm a opressão. A opressão das mulheres se manifesta de diversas formas e é sustentada por um sistema patriarcal que valoriza as características masculinas e desvaloriza as femininas, criando um ciclo de desigualdade que relega as mulheres a uma posição de inferioridade contínua. Beauvoir (2009) descreve a opressão como um mecanismo que permite aos opressores sentirem-se superiores aos oprimidos. Essa dinâmica é uma característica crucial da opressão de gênero, onde os homens, independentemente de sua posição social, são beneficiados pela subjugação das mulheres.

Beauvoir (2009) ainda critica a imposição de papéis fixos imutáveis às mulheres, argumentando que isso degrada sua existência e nega sua liberdade essencial. A opressão, portanto, não é apenas uma questão de desigualdade, mas uma falha moral imposta que restringe a capacidade das mulheres de transcender e realizar seu potencial humano. Beauvoir (2009) insiste que é crucial que as mulheres sejam vistas e tratadas como indivíduos autônomos e completos.

Os conceitos de Butler (2003, 2009) e Beauvoir (2005) se mostram essenciais para compreender e desafiar as estruturas patriarcais que moldam a vida das mulheres, destacando a necessidade de reconhecer a diversidade das experiências femininas e promover uma representação autêntica, desconstruindo as normas de gênero e promovendo a igualdade das mulheres.

### 3 METODOLOGIA

Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa consiste em um conjunto de ações planejadas para encontrar a solução para um problema, utilizando procedimentos racionais e sistemáticos. Ela é conduzida quando se enfrenta um problema e não se dispõe de informações suficientes para resolvê-los. A presente pesquisa objetiva analisar como a voz da personagem Anne Shirley desafia as normas sociais e promove o empoderamento feminino no livro ANNE DE GREEN GABLES (1908) da autora Lucy Maud Montgomery, desse modo, para atingir o objetivo traçado, envolve uma abordagem qualitativa interpretativista, que visa compreender os significados e as experiências dos indivíduos em seu contexto social, uma vez que “o interpretativismo se preocupa em entender a essência do mundo e do seu cotidiano pela perspectiva dos seus participantes” (Ribeiro et al., 2022).

O *corpus* dessa pesquisa se constitui pelos fragmentos selecionados do romance ANNE DE GREEN GABLES de Lucy Maud Montgomery, publicado em 1908. Escolhemos essa obra como *corpus* de análise pelo fato de que a personagem principal, Anne Shirley, representa símbolo de resistência feminina em relação às normas de gênero vigentes no contexto em que se passa a obra, Esse romance altamente reconhecido pelo seu valor literário, nos apresenta uma protagonista que questiona e subverte as expectativas impostas às mulheres de sua época, e isso nos oferece uma grande oportunidade para uma análise crítica dos seus discursos.

A seleção dos fragmentos foi feita a partir de uma leitura crítica e integral do romance, onde levamos em consideração os momentos em que Anne Shirley manifesta suas opiniões, emoções e julgamentos sobre os acontecimentos ao seu redor. Escolhemos essas passagens com o objetivo de identificar as dinâmicas discursivas que a personagem usa para desafiar a normatividade social, apresentando resistência à conversão de gênero.

Para a escolha desses fragmentos utilizamos os critérios de incluir as passagens do texto que revelam a voz, a resistência e o empoderamento feminino de Anne. Focamos os discursos que evidenciam a personalidade e a postura subversiva da personagem em relação às normas. Incluímos os trechos em que tratam da

desigualdade de gênero e papéis de gênero, além de usar os momentos em que elementos avaliativos estão presentes e podem ser analisados.

Analisamos os discursos da personagem com base nos Sistema da Avaliatividade, conforme proposto por Martin e White (2005), focando nos agentes responsáveis pela construção das avaliações dentro dos discursos apresentados no romance. Para isso, consideramos (I) a protagonista Anne Shirley, como principal fonte de avaliação do romance; (II) a avaliação dos outros personagens, que influenciam a maneira como Anne é percebida dentro do contexto social; (III) o contexto social da época, incluindo as expectativas e as normas vigentes. Esses agentes, avaliados de forma íntegra nos permitem uma compreensão mais aprofundada de como o discurso de Anne Shirley constrói uma voz de resistência feminina dentro da narrativa.

As categorias de análise utilizadas foram retiradas do Sistema da Avaliatividade de Martin e White (2005), onde abordamos os sistemas de Atitude e Gradação, para analisar as atitudes e emoções expressas por Anne em seus discursos. Além disso, foram empregadas específicas da Análise Crítica do Discurso (ACD) como a análise de relações de poder e ideologias (Fairclough, 1992, 1995, 2001) e também o discurso como prática social para entender como os discursos da protagonista refletem e contestam as estruturas sociais. Na Teoria Feminista, utilizamos conceitos de resistência e subversão da normatividade gênero, conforme descritos por Butler (2003, 2019) e Beauvoir (2009), destacando como Anne desafia o ideal de feminilidade imposto em seu contexto.

#### **4 AVALIATIVIDADE E SUBVERSÃO: CONSTRUÇÃO DA RESISTÊNCIA FEMININA DE ANNE SHIRLEY**

Na presente seção, analisamos os discursos de Anne Shirley, com foco nos processos avaliativos presentes em suas falas e como esses processos refletem sua resistência às normas sociais da época, além de compreender as dinâmicas de poder que se revelam em suas interações sociais. Para isso, faremos a análise a partir da seleção de fragmentos específicos que ilustram essas questões. Dessa forma, nesta seção serão apresentadas as amostras do discurso de Anne que abordam os aspectos da sua construção identitária e as dinâmicas de poder em suas interações.

Nossa análise é conduzida em duas etapas: primeiramente descrevemos os processos avaliativos que estão presentes no discurso da personagem e investigamos como esses processos contribuem para a formação da identidade resistente de Anne, e, por fim, examinamos as dinâmicas de poder presente nas interações da protagonista com as outras personagens.

A obra se passa em um contexto em que as normas sociais definem o papel da mulher, limitando-o a afazeres domésticos, restringindo sua autonomia, oportunidades de educação e trabalho. Mas Anne Shirley se destaca por ser uma personagem que desafia essas expectativas.

Nos discursos de Anne se revela uma rede de processos avaliativos que expressam suas emoções, pensamentos e também desafiam as normas vigentes. Desde o início da narrativa podemos percebê-los através das suas interações com Marilla e Matthew Cuthbert, onde a protagonista demonstra a sua capacidade de articular seus desejos e anseios se posicionando como uma figura de resistência.

Em ANNE DE GREEN GABLES, Lucy Maud Montgomery explora a personalidade de Anne por meio de camadas que refletem sua complexidade emocional e social. A autora apresenta a personagem como uma menina cheia de imaginação e criatividade, que frequentemente escapa da realidade com a ajuda de suas fantasias. Essas características são uma forma de resistência contra as limitações impostas às mulheres pela sociedade da época.

Montgomery utiliza as interações de Anne com outras personagens para aprofundar o desenvolvimento da sua identidade, enquanto uns personagens têm expectativas mais conservadoras, como Mariola, outros demonstram um apoio mais aberto, como é o caso de Matthew. As tensões entre essas relações revelam a constante luta de Anne Shirley para ter sua individualidade reconhecida e valorizada.

#### 4.1 Os Processos Avaliativos nos Discursos de Anne Shirley e a Construção da Sua Identidade Feminina

Para compreender a profundidade da personagem Anne Shirley, entendemos que se faz necessário analisar os processos avaliativos presentes em seus discursos. Anne expressa suas críticas às normas que a cercam, além de seus sentimentos e aspirações através de suas falas. Nesta subseção, analisamos como estes processos refletem na sua busca por identidade e liberdade.

A primeira amostra a ser analisada foi retirada do capítulo 2 da obra intitulado como “Matthew Cuthbert é surpreendido”, e refere-se a um dos primeiros diálogos que a protagonista teve com Matthew ao se encontrarem e ele se oferece para carregar sua mala:

- Desculpe-me pelo atraso - disse ele timidamente. - Venha comigo. O cavalo está no pátio. Dê-me sua mala.
- Oh, eu consigo carregá-la - respondeu com **alegria** a criança. - Não está pesada. Tenho todos os meus pertences guardados nela , mas ela não está pesada. E, se ela não é carregada de um modo específico, a alça se solta... então, é melhor que eu a carregue, pois já tenho a manha. É uma mala de viagem de tapeçaria extremamente velha. Oh, fico **muito feliz** que o senhor tenha vindo, apesar de que teria sido bom dormir em uma cerejeira selvagem. Temos um longo caminho de carroça pela frente não? A senhora Spencer disse que eram treze quilômetros. Fico feliz, pois **adoro** andar de carroça. Oh, parece **maravilhoso demais** o fato de que vou morar com o senhor e ser sua. Sabe, eu **jamais** fui de ninguém... não de verdade. Mas o orfanato foi a **pior coisa**. Fiquei lá somente quatro meses, mas já foi o bastante. Não presumo que o senhor algum dia tenha sido um órfão em um orfanato; então é **impossível** que entenda como é. É pior do que qualquer coisa que o senhor possa imaginar. A senhora Spencer disse que era **maldade** minha falar desse jeito, mas minha intenção não foi ser má. É fácil demais ser mau sem se dar conta disso, não é? Sabe... as pessoas no orfanato eram boas. Mas há **muito pouco** escopo para a imaginação em um orfanato... só mesmo os outros

órfãos. Era muito **interessante** imaginar coisas sobre eles... imaginar que talvez a garota sentada ao seu lado na verdade era a filha de um conde cintado, que havia sido raptada de seus pais ainda bebê por uma babá cruel que morreu antes de poder confessar seu crime. Eu costumava passar as noites em claro na cama imaginando coisas desse tipo, pois durante o dia eu não tinha tempo. Acho que é por isso que estou tão magra assim... Eu estou **terrivelmente magra**, não é? Não tem uma carne para mordiscar nos meus ossos. E eu adoro imaginar que estou bonita e roliça, com covinhas nos meus cotovelos. (Montgomery, 2019, p. 19-20)

Nesse fragmento, Anne revela a complexidade das suas experiências passadas no orfanato e a esperança em relação ao seu futuro em Green Gables. A personagem reflete sua personalidade que mistura otimismo e vulnerabilidade, e é um reflexo das suas dificuldades passadas e da sua busca constante por identidade e pertencimento. Esses sentimentos contraditórios permeiam todo o discurso de Anne, revelando como ela lida com as emoções conflitantes que definem sua jornada.

Anne apresenta emoções contrastantes, evidenciada pelas Atitudes avaliativas que emite ao longo da amostra. Ao se referir à sua nova situação, ela demonstra um entusiasmo genuíno, como quando diz “fico **muito feliz** que o senhor tenha vindo”, e “adoro andar de carroça”. Ao usar essas expressões de alegria e excitação ela expressa sua empolgação com a mudança e com a nova vida que está prestes a começar. Sua avaliação positiva é ainda mais intensificada pela expressão “**maravilhoso demais**”, que sublinha sua admiração pela viagem e pela perspectiva de morar com Matthew.

No entanto, o mesmo discurso de Anne também expressa uma avaliação negativa do seu passado no orfanato. Ela descreve sua experiência como a “**piores coisa**” que já viveu, evidenciando o sofrimento emocional e psicológico causado por esse período de sua vida. Ela exterioriza uma ausência de pertencimento na frase “**jamais** fui de ninguém... não de verdade”, onde ela reflete sobre o abandono e a dor de nunca ter tido uma família. Essas declarações contrastam com sua felicidade presente, criando uma tensão emocional entre o que foi vivido e o que está por vir.

Além disso, Anne faz uma autoavaliação crítica da sua aparência, ao descrever-se como “**terrivelmente magra**”, e afirmar que “ não tem nem uma carne para mordiscar”, demonstrando uma percepção negativa do seu corpo, fortemente influenciada pelos

padrões da sociedade. No entanto, ela usa a imaginação para suavizar essa visão, dizendo que gosta de se imaginar “bonita e roliça”, demonstrando que ao mesmo tempo que deseja atender às expectativas, têm sua imaginação como válvula de escape.

No que diz respeito ao sistema Gradação, no momento de reflexão sobre o orfanato, ela utiliza itens como a “**pior coisa**” para intensificar o sofrimento vivido naquele ambiente. A Gradação, nesse caso, não só mostra a intensidade do seu desgosto, mas também destaca o impacto psicológico da experiência. A frase “**impossível** que entenda como é” reforça essa ideia de desajuste entre Anne e Matthew, sugerindo que suas experiências são incomparáveis. Essa intensificação demonstra a carga emocional de sua fala e torna visível sua dor.

Por outro lado, Anne usa a Gradação positiva quando se refere a viagem como “**maravilhosa demais**”, e a alegria de finalmente pertencer a uma família a uma nova família é intensificada por suas palavras. Ao usar a frase “fico **muito feliz**”, ela evidencia seu entusiasmo, mostrando que apesar de seu passado doloroso, mantém uma visão otimista sobre o futuro. Quando Anne fala sobre o seu corpo, ela também usa a Gradação para expressar tanto a autocrítica quanto um leve desejo de superação. Ao se descrever “**terrivelmente magra**” e depois imaginar-se bonita, Anne tenta lidar com suas inseguranças por meio da intensificação de sua aparência idealizada.

Dessa maneira, os sistemas Atitude e Gradação moldam a linguagem de Anne de forma a refletir tanto a refletir as experiências passadas dolorosas quanto os seus sentimentos e aspirações em relação ao futuro.

As amostras a seguir são encontradas no capítulo 3 “Marilla Cuthbert é surpreendida”, onde a menina percebe que não era ela quem os Cuthberts esperavam:

- Vocês **não me querem!** - berrou ela. - Vocês não me querem porque eu **não sou um menino!** Eu **deveria** ter esperado por isso. **Ninguém jamais me quis.** Eu deveria ter me dado conta de que era tudo **lindo demais** para ser verdade. Eu deveria ter percebido que **de fato** ninguém me queria. Oh, **o que farei?** Vou **desatar a chorar!** (Montgomery, 2019, p. 32)

- Ora, ora, não precisa chorar tanto assim por conta disso.  
- Sim, preciso sim! - A menina ergueu a cabeça rapidamente, revelando um rosto encharcado de lágrimas e lábios trêmulos. - A senhorita também choraria

caso fosse uma órfã que tivesse ido para um lugar que ela pensava que seria a sua casa e descobrisse que as pessoas não a queriam porque a senhorita não era um menino. Oh, esta é **a coisa mais trágica** que já me aconteceu! (Montgomery, 2019, p. 32)

No fragmento acima, as falas de Anne não apenas demonstram uma profunda negatividade em relação ao seu valor pessoal, mas também evidenciam a Gradação das suas emoções. Quando Anne afirma “**ninguém jamais me quis**” e “**o que farei? Vou desatar a chorar!**”, ela utiliza uma avaliação negativa intensa para revelar sua insegurança e a dor do abandono. A repetição de que ninguém a quer intensifica a sensação de rejeição que carrega ao longo da sua vida.

Como Martin e White (2005) apontam, a Atitude no discurso pode ser compreendida como a maneira como o falante expressa sua aprovação ou desaprovação em relação a algo ou alguém, sendo esse julgamento feito refletido nas escolhas lexicais e nas intensificações. Dessa maneira, Anne manifesta um profundo despreço por si mesma, como se sua identidade estivesse irrevogavelmente marcada por essa rejeição.

Além disso, Anne faz uso da Gradação para ampliar suas emoções de maneira expressiva e dramática, como quando afirma: “esta é **a coisa mais trágica** que já me aconteceu”. A palavra “**trágica**” e a expressão “**desatar a chorar**” atribuem uma intensificação à sua dor, o que reforça a percepção de que ela está vivendo um momento de desesperança. Conforme Martin e White (2005), a Gradação é uma forma de alterar a intensidade emocional associada a uma avaliação, seja tornando-a mais forte ou mais fraca. Anne utiliza essas expressões de alta Gradação para indicar a seriedade de seu sofrimento e a sua incapacidade de ver qualquer possibilidade de mudança em sua situação.

Ao afirmar “não me querem porque eu **não sou um menino!**” Anne não apenas descreve sua dor, mas também faz uma crítica explícita às normas sociais que valorizam o masculino e menosprezam o feminino. Com esse posicionamento, ela manifesta um ponto crucial de resistência às construções de gênero predominantes, que veem o masculino como desejável e o feminino como inferior. Essa crítica implícita à sociedade é uma maneira de Anne questionar as normas culturais que a rejeitam por

sua condição feminina, entrando em concordância com Martin e White (2005) que argumentam que as atitudes de julgamento em um discurso também podem funcionar como uma forma de resistência, onde o falante utiliza a linguagem para afirmar a sua posição frente a um conjunto de normas estabelecidas.

Também é possível observar que as falas de Anne não só expõem sua dor pessoal, como também funcionam como um símbolo de resistência às normas de gênero. Sua fala questiona, implicitamente, a hierarquização entre os sexos e revela sua resistência ao ser tratada como inferior. Isso ocorre em um contexto social onde a valorização do masculino prevalece, assim reforçamos o pensamento de Butler (2003), citado outra vez em nosso trabalho, que afirma que as normas de gênero não estão relacionadas ao sexo biológico, mas aos significados culturais atribuídos aos corpos. A rejeição de Anne, portanto, é uma rejeição social, baseada em construções culturais que marginalizam o feminino, e ao construir seu discurso ela resiste a essas normas, afirmando a sua identidade como uma menina rejeitada, mas, ao mesmo tempo, questiona a validade dessa rejeição.

Nesse sentido, os processos de Atitude e Gradação além de revelarem a profundidade das emoções de Anne, também servem como mecanismos de resistência. Ao avaliar sua situação com intensidade e destacar as injustiças sociais, Anne constrói uma identidade que se opõe às normas que a definem como indesejável, utilizando a linguagem para afirmar a sua agência e se posicionar contra a expectativas sociais, deixando claro que sua rejeição não está relacionada a algo intrínseco a ela, mas às construções que ela recusa aceitar.

A seguinte amostra se passa no capítulo “Uma tempestade no copo d’água da escola”, e se refere ao primeiro contato de Anne com a escola e o professor Phillips:

- **Acho que vou gostar** dessa escola - anunciou ela. - **Só não gostei muito** do professor. Ele fica o **tempo todo enrolando o bigode e lançando olhares** para Prissy Andrews. Prissy já é crescida, sabe. Ela tem dezesseis anos, e está estudando para a prova de seleção para a Queen 's Academy em Charlottetown no ano que vem. Tillie Boutler diz que ele está **caidinho** por ela. Ela tem uma **pele linda**, e **cabelos morenos cacheados** que ela **arruma de modo muito elegante**. Ela senta na cadeira comprida dos fundos da sala, e ele também fica sentado lá **quase o tempo todo**... para explicar as lições para ela, é o que ele diz. Mas Ruby Gillis diz que o viu escrever alguma coisa na

lousa dela e, quando Prissy leu aquilo, **ficou corada feito beterraba**, e deu risadinhas, e Ruby Gillis diz que não acredita que aquilo tivesse alguma relação com a lição. (Montgomery, 2019, p. 120 - 121)

Nessa passagem podemos observar que Anne constrói avaliações sobre o novo ambiente escolar e o seu professor. Inicialmente ela expressa uma Atitude emocional positiva em relação à escola, evidenciada pela fala: “acho que vou gostar dessa escola”, apresentando um otimismo inicial que indica sua expectativa de pertencimento e satisfação com o novo espaço. No entanto, essa Atitude positiva é rapidamente contrastada pela avaliação negativa sobre o comportamento do professor Phillips: “**Só não gostei muito** do professor”, utilizando uma linguagem clara e direta para manifestar sua desaprovação.

A crítica de Anne ao professor demonstra o uso de uma Atitude de julgamento negativa, onde ela avalia o comportamento do docente como inadequado ao seu papel de autoridade. Essa avaliação é reforçada por sua observação de que ele passa grande parte do tempo perto de Prissy Andrews, com a justificativa de “explicar lições”. O julgamento é intensificado quando Anne narra o relato de Ruby, no qual o professor parece agir de forma ainda mais suspeita, e por meio desse relato a desaprovação dela é ampliada, revelando uma compreensão precoce das dinâmicas de poder, que examinaremos posteriormente, e da impropriedade do comportamento do professor.

Anne também faz uma avaliação estética positiva ao mencionar a aparência de Prissy Andrews: “Ela tem uma **pele linda**, e **cabelos morenos cacheados** que ela **arruma de modo muito elegante**”. Essa observação demonstra a valorização da feminilidade no contexto social da vila Avonlea, onde padrões de beleza desempenham um papel central nas interações. Ao mesmo tempo, essa apreciação evidencia como a aparência de Prissy se torna foco de atenção masculina, ao invés do seu desempenho acadêmico. Mesmo sem dizer diretamente, Anne observa a desigualdade implícita nessa situação, onde o valor de uma garota é reduzido a sua estética.

A Gradação é amplamente empregada no discurso de Anne para intensificar suas avaliações, podemos ver um exemplo disso quando ela usa a expressão “**ele fica o tempo todo enrolando o bigode**”, que reforça a sua percepção de que o

comportamento do professor é contínuo e proposital. A reação de Prissy descrita como ficando “**corada feito beterraba**”, também intensifica a percepção de Anne sobre o impacto das ações do professor na jovem. Essa escolha lexical amplifica a ideia de desconforto ou emoção exacerbada, reforçando a crítica implícita no relato.

Além disso, o fragmento também relata como Anne, mesmo com sua juventude, começa a resistir às normas sociais que naturalizam a objetificação das mulheres. Quando descreve as ações do professor e suas implicações, ela questiona, ainda que indiretamente, as dinâmicas de poder que privilegiam figuras masculinas e subordinam mulheres à atenção baseada em sua aparência. Essa resistência é evidenciada pela maneira como ela narra os eventos, atribuindo um tom crítico ao comportamento do professor e expondo as desigualdades que presencia.

O próximo fragmento está inserido no capítulo “Uma boa imaginação mal-aventurada”, e nele Anne dialoga com Diana, sua amiga da escola, sobre não se importar sobre tirarem seu posto de melhor aluna:

- De algum modo - contou ela para Diana -, quando passo por aqui, **não me importo** se Gil.. se qualquer pessoa tira ou não o meu posto de melhor aluna. Mas, quando estou na escola, tudo muda, e **me importo mais do que nunca**. Há **muitas Annes diferentes** dentro de mim. Às vezes, penso que é por isso que sou uma pessoa tão **inoportuna**. Se eu fosse apenas uma Anne, seria **muito mais cômodo**, mas eu não seria **nem um pouco interessante** quanto sou. (Montgomery, 2019, p. 178 - 179)

A personagem reflete sobre sua identidade complexa e multifacetada, expressando uma autoconsciência notável para a sua idade. Sua fala “Há **muitas Annes diferentes** dentro de mim”, demonstra uma Atitude de apreciação positiva em relação a diversidade de sua personalidade, reconhecendo a riqueza de emoções e comportamentos que a constituem. Contudo, ela também apresenta uma Atitude de julgamento crítico ao se referir a si mesma como uma pessoa “**inoportuna**”, sugerindo que essa multiplicidade pode ser percebida como desvantagem em certos contextos sociais.

Essa dualidade na autoavaliação de Anne é marcada por um contraste entre sua percepção negativa inicial e sua apreciação positiva subsequente: “se eu fosse apenas uma Anne, seria **muito mais cômodo**, mas eu não seria **nem um pouco interessante**

quanto sou”. Nesse momento, Anne valoriza sua complexidade, sugerindo que é essa pluralidade que a torna única. Essa valorização positiva de si mesma reforça sua aceitação da própria identidade, mesmo que ela reconheça as dificuldades associadas a essa multiplicidade.

O sistema Gradação aparece nesse fragmento de maneira evidente para intensificar as emoções e reflexões de Anne. Por exemplo, ao usar a expressão “**me importo mais do que nunca**”, quando fala sobre seus sentimentos na escola, Anne amplia a intensidade da sua competitividade no ambiente escolar. Essa escolha lexical destaca como o contexto social exerce influência sobre suas emoções, especialmente em relação ao desejo de manter seu status acadêmico. Além disso, a palavra “**muitas**” amplifica a pluralidade de sua personalidade, sugerindo uma diversidade abundante e uma complexidade interna que desafia qualquer tentativa de simplificação.

A reflexão de Anne sobre suas “**muitas Annes**” também carrega um subtexto de resistência às normas sociais. Ela reconhece sua própria personalidade e desafia a ideia de que as mulheres devem se conformar com um padrão de comportamento ou identidade. Dessa forma, a amostra demonstra como Anne utiliza a linguagem para expressar e construir sua identidade, valorizando sua singularidade.

A seguinte amostra situa-se no capítulo “A classe das queen ‘s é organizada”, e mostra um diálogo de Anne com Marilla Cuthbert, onde a garota está falando sobre meninos, questões de casamentos e o caráter que terá no futuro:

- Ruby Gillis **não pensa em nada além de rapazes**, e, quanto mais velha fica, isso piora. Rapazes são **ótimos em seus devidos lugares**, mas **não dá para incluí-los em tudo** não é? Diana e eu estamos pensando seriamente em prometer uma à outra que **jamais nos casaremos** e que seremos **simpáticas velhas solteironas** e vamos morar juntas para sempre. Diana ainda não se decidiu, pois acha que talvez seria mais nobre se casar com um rapaz bonito, **rebelde e infame** e mudá-lo para melhor. Diana e eu agora falamos muito sobre assuntos sérios, sabe? Sentimos que estamos tão mais velhas do que éramos que não é de bom-tom ficar falando de assuntos infantis. Ter quase catorze anos é **algo muito solene**, Marilla. A senhorita Stacy levou todas as garotas que já são adolescentes para o riacho na quarta-feira passada e conversou conosco sobre isso. Ela disse que deveríamos ter muito cuidado com os hábitos e os ideais que adotaríamos na nossa adolescência, pois, quando chegarmos aos vinte anos, nossos caracteres já estarão formados e a fundação de toda a nossa vida futura, assentada. E disse que, se a fundação

não for sólida, não conseguiremos construir nada de realmente valioso sobre ela. (Montgomery, 2019, p. 260 - 261)

O discurso de Anne neste fragmento reflete sua percepção crítica sobre as normas relacionadas ao casamento e à construção de identidade na adolescência. Sua fala demonstra como, ao longo de suas interações, Anne expressa avaliações que alternam entre apreciação positiva e julgamento crítico, evidenciando uma construção identitária que questiona as expectativas impostas às mulheres.

Anne inicia com um julgamento crítico em relação ao comportamento de Ruby Gillis, afirmando que “rapazes são **ótimos em seus devidos lugares**, mas **não dá para incluí-los em tudo**, não é?”. Segundo o sistema da Atitude descrito por Martin e White (2005), essa avaliação se encaixa em um julgamento social negativo, ao criticar o foco excessivo de Ruby nos rapazes. Esse julgamento sugere que Anne vê o comportamento de Ruby como limitador e pouco apropriado, especialmente para alguém jovem como elas. Além disso, a frase sugere uma postura que valoriza outros aspectos da vida, desafiando a centralidade dos relacionamentos românticos como objetivo prioritário para as mulheres.

Ao mencionar que ela e Diana estão considerando prometer uma à outra que nunca se casarão e que viverão juntas como “**simpáticas velhas solteironas**”, Anne expressa uma apreciação positiva à amizade feminina, que ela valoriza como alternativa ao casamento. O tom lúdico dessa ideia, porém, carrega uma crítica implícita às expectativas sociais que restringem as mulheres a papéis tradicionalmente vinculados ao matrimônio. De acordo com Martin e White (2005), o uso de apreciações dessa natureza frequentemente revela valores culturais subjacentes, e Anne, nesse contexto, exalta a independência e a solidariedade feminina como escolhas válidas e respeitáveis.

Quando Anne usa a frase “ter quase quatorze anos é **algo muito solene**, Marilla”, ela intensifica o peso simbólico do seu amadurecimento. Usando a Gradação, Anne amplifica a importância desse momento ao empregar a expressão “**muito solene**”. Martin e White (2005) explicam que o uso de intensificadores como “**muito**” realça a significância de uma ideia, transmitindo maior comprometimento emocional. Anne

entende esse período como crucial para a formação de caráter e adota uma postura reflexiva sobre como suas escolhas influenciarão sua vida adulta. Essa perspectiva é reforçada quando ela cita a Sra. Stacy, que, ao afirmar que “nossos caracteres são formados já estarão formados” aos vinte anos, enfatiza a responsabilidade associada à transição para a adolescência.

Anne também questiona normas sociais recorrendo ao sistema Atitude, por meio de julgamentos e apreciações. Seu julgamento negativo da ideia de Diana de casar-se com um rapaz “bonito, rebelde e infame” para mudá-lo para melhor revela uma crítica às narrativas culturais que atribuem às mulheres a responsabilidade de redimir homens problemáticos. Esse julgamento avalia negativamente a desigualdade implícita nessas dinâmicas, reforçando uma visão crítica sobre como tais expectativas perpetuam estereótipos que sobrecarregam as mulheres emocional e moralmente. O uso de itens como “**rebelde e infame**” intensifica a ideia de inadequação desse comportamento, amplia o peso do julgamento e evidencia a resistência de Anne às normas sociais que glorificam essas relações.

No sistema de Gradação, Anne e Diana, ao expressarem apreço por uma vida independente e solidária entre mulheres, intensificam a rejeição às normas tradicionais que vinculam o valor feminino ao casamento. Itens como “**jamais nos casaremos**” e “seremos **simpáticas velhas solteironas**” ampliam a força da avaliação positiva sobre a alternativa de não casar, conferindo intensidade ao desejo de liberdade e autonomia. Essa apreciação positiva, reforçada pela repetição da ideia de independência, sinaliza a resistência de Anne às expectativas sociais limitantes. Assim, suas escolhas lexicais e a amplificação de suas avaliações demonstram como Anne constrói uma identidade crítica, que desafia as normas dominantes e valoriza a autonomia feminina.

#### 4.2 As interações sociais de Anne Shirley e as dinâmicas de poder

As dinâmicas de poder presentes em Anne de Green Gables exercem um papel central nas interações de Anne Shirley com outras personagens. Desde seu primeiro encontro com figuras de autoridade e seus colegas, Anne é frequentemente exposta a julgamentos e imposições que refletem as hierarquias sociais de gênero da sua época. No contexto da análise crítica do discurso, o poder não é apenas visto como uma

diferença nas relações, mas também como uma capacidade de controlar os modos como o discurso é produzido e interpretado, moldando a percepção de normas e comportamentos (Fairclough, 1995). Essa subseção examina como Anne corresponde a essas tentativas de controle através de suas interações com figuras consideradas como autoridade.

Para isso, a primeira amostra escolhida foi encontrada no capítulo “Marilla Cuthbert é surpreendida”, e ocorre quando Anne chega na nova casa, e Marilla, ao avaliá-la, explicita que sua presença não era esperada ou desejada, com isso a garota faz uma pergunta sobre o seu valor e sua aparência, questionando se seria mais aceita se fosse mais bonita.

- E a senhora Spencer trouxe mais alguém além de você? - prosseguiu Marilla depois que Matthew havia saído.
- Ela levou Lily Jones consigo. Lily só tem cinco anos, e é muito bonita, e tem cabelos castanhos. Se eu fosse mais bonita e tivesse cabelos castanhos, a senhorita ficaria comigo?
- Não. Queremos um menino para ajudar Matthew na fazenda. Não vemos utilidade para uma garota. Tire o seu chapéu. Vou deixá-lo junto com a sua mala na mesa da antessala. (Montgomery, 2019, p. 34)

Nesse diálogo, a dinâmica de poder se revela na forma como Marilla estabelece o valor de Anne com base em critérios utilitários e expectativas de gênero, ela afirma que eles precisavam de um garoto para ajudar no trabalho da fazenda, insinuando que Anne, por ser uma menina, não teria a “utilidade” que teria se fosse um garoto. Isso expõe a visão de que as mulheres têm menos valor em um contexto onde o trabalho “pesado” é valorizado.

Nesse caso, Marilla exerce seu poder ao definir o que é “útil” e o que é “desejável”, realçando o que Anne deveria representar para eles, ela coloca a garota em uma posição inferior, ao compará-la com a necessidade de um menino para o trabalho, o que reflete a dinâmica de poder e o gênero predominante.

Em seu livro “O Segundo Sexo”, Beauvoir destaca que “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (Beauvoir, 1949, p. 15). A observação de Marilla quando diz que Anne não é útil na fazenda, ecoa no conceito da autora sobre a atribuição de

valor às mulheres com base em sua utilidade aos homens em um contexto patriarcal, portanto, Anne é vista em função do seu gênero e não como um indivíduo completo.

Por outro lado, Anne manifesta sua insegurança ao perguntar se sua aparência seria um fator que faria Marilla mudar de ideia. De certa forma, ela interioriza a ideia de que sua utilidade estaria relacionada à sua aparência física ou a uma característica idealizada, como ter cabelos castanhos e isso transparece como Anne se sente em uma posição inferior, buscando de alguma maneira encontrar o seu valor.

Essa amostra do capítulo “Marilla se decide”, ocorre quando Marilla leva Anne de volta ao orfanato e uma possível responsável está avaliando se ficará ou não com ela, onde mais uma vez Anne é julgada pela sua “utilidade”.

A senhora Blewett imediatamente olhou para Anne dos pés à cabeça.

- Quantos anos você tem, e qual é o seu nome? - indagou ela.
- Anne Shirley - gaguejou a menina, que se retraía, não ousando fazer qualquer comentário sobre como se escrevia seu nome -, e tenho onze anos de idade.
- Aff! Você não parece ser lá grande coisa. Mas é magra e vigorosa. Não sei o motivo, mas a magras e vigorosas são sempre as melhores no fim das contas. Bem, se eu adotá-la, você vai ter de se comportar bem, sabe, sendo boa e respeitosa. Esperarei que você trabalhe duro em troca do seu sustento, não se engane quanto a isso. Sim, presumo que seja melhor que eu a tire de suas mãos, senhorita Cuthbert. Meu bebê anda terrivelmente irritadiço, e estou exausta de cuidar dele. Se a senhora quiser, posso levá-la para casa agora mesmo. (Montgomery, 2019, p. 55 - 56)

Ao avaliar Anne com base em critérios de utilidade e submissão - como se ela fosse um objeto que pode ser aceita ou rejeitada -, a mulher exerce seu poder sobre a garota. A autoridade da figura adulta, é reforçada pelo seu status social e é externalizada através da análise fria, onde Anne é resumida a características físicas e a sua capacidade de obedecer e trabalhar, esse discurso destaca a forma insensível como as meninas podem ser vistas, sem consideração pela sua individualidade ou identidade.

Quando a senhora Blewett cita que Anne “não é lá grande coisa, mas é magra e vigorosa”, ela a trata como se fosse um recurso, ao invés de um ser humano com sentimentos e desejos, refletindo uma forma de poder onde a criança, principalmente

uma órfã, é vista como alguém que deve se adaptar aos papéis que lhe forem estabelecidos.

Além do mais, ao exigir que Anne deve ser “boa e respeitosa” e “trabalhe duro em troca do seu sustento”, a mulher estabelece regras de comportamento e serviço que limitam a autonomia de Anne, demonstrando as expectativas de submissão que eram impostas às mulheres daquela época, onde eram medidas pela sua disposição de servir.

A forma como Anne se posicionou diante dessa figura de autoridade, se encolhendo e gaguejando, transparece sua vulnerabilidade e percepção de que deveria se submeter às ordens da mulher para que tivesse um lar. Esse tipo de comportamento mostra a posição subordinada de Anne e a espera de que ela aceite o que for imposto. O trecho destaca a realidade que Anne, como menina e órfã, enfrenta em uma sociedade que valoriza sua utilidade em vez de sua identidade,

A terceira amostra escolhida para análise está no capítulo “Anne faz suas orações”, e ocorre quando, ao chegar a hora de ir para a cama, Marilla descobre que Anne nunca fez orações e fica preocupada e espantada. Para ela, Anne devia ter sido ensinada a seguir práticas religiosas, o que evidencia as normas da época. Nesse diálogo, Marilla representa uma autoridade moral e uma visão convencional da sociedade de Avonlea, enquanto Anne, desafia essas normas de maneira sutil.

- Caso fique aqui, vai ter de se esforçar um pouco mais para se lembrar - admoestou Marilla.- Pronto, assim está bom. Faça as suas orações e vá para a cama.
- Eu nunca faço nenhuma oração - anunciou Anne.  
Marilla pareceu horrorizada e surpresa.
- Ora, Anne, o que quer dizer com isso?Jamais lhe ensinaram a fazer suas orações? Deus sempre quer que meninas façam as suas orações. Você não sabe quem é Deus, Anne?
- “Deus é um espírito, infinito, eterno e imutável em Seu Ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade” - respondeu Anne pronta e mecanicamente.  
Marilla pareceu bastante aliviada.
- Então alguma coisa você sabe, graças a Deus! Você não é exatamente pagã. Onde aprendeu isso?
- Ah, na escola dominical do orfanato. Eles nos fizeram aprender todo o catecismo. Eu gostava bastante. Tem algo de esplêndido com relação a algumas palavras. “Infinito, eterno e imutável.” Não é grandioso? Tem um som

- gostoso... igual a um grande órgão tocando. Presumo que não dá para chamarmos isso de poesia, mas soa bastante como um poema, não é?
- Não estamos falando de poesia, Anne, estamos falando de fazer suas orações. Você não sabe que é muito feio não fazer suas orações à noite? Receio que você seja uma menininha muito mal comportada.
  - A senhorita acharia mais fácil ser ruim do que boa se tivesse o cabelo ruivo - disse Anne em tom de reprimenda. - As pessoas que não têm cabelos ruivos não sabem o que são problemas. A senhora Thomas me disse que Deus fez o meu cabelo vermelho de propósito, e desde então deixei de me importar com Ele. E, de todo modo, eu sempre estava muito cansada à noite para me dar ao trabalho de orar. Não se pode esperar que pessoas que tomam conta de gêmeos façam suas orações. A senhorita sinceramente acha que isso é possível?
- Marilla decidiu que o ensino religioso de Anne deveria começar imediatamente. Evidentemente, não havia tempo a perder.
- Enquanto viver sob o meu teto, você tem de fazer suas orações, Anne. (Montgomery, 2019, p. 59 - 61)

Marilla sendo uma figura de autoridade, impõe a prática de orações a Anne, pois acredita que isso é essencial para se ter um bom comportamento. O fragmento expõe a forma como o poder se manifesta através da imposição de regras religiosas, num contexto social onde a obediência a esses rituais é vista como sinônimo de bom caráter.

Ao ensinar Anne a fazer suas orações, Marilla tenta moldar o comportamento da menina de acordo com normas religiosas e sociais. Quando menciona que “Deus sempre quer que menininhas façam as suas orações” ela ilustra como vê as orações como uma obrigação e também como uma marca de caráter, e reforça a ideia de que o valor de Anne está associado à sua capacidade de obedecer e seguir esses costumes.

A partir do momento que Marilla diz que Anne pode ser uma menina mal comportada por não fazer orações, ela faz um julgamento moral que a coloca como uma dona da verdade do que é ou não é errado, colocando Anne em uma posição menor, onde ela é julgada e disciplinada, evidenciando o poder de Marilla de definir o que pode ser aceito.

Embora tenha aprendido os conceitos religiosos no orfanato, Anne afirma que os interpreta de maneira estética e poética, não como uma prática devocional. A personagem demonstra que vê a religião sob uma lente artística, afirmando que

considera algumas palavras “esplêndidas” e as compara ao som de um órgão, trazendo um contraste direto com a visão moral de Marilla.

Anne admira a beleza e o ritmo das palavras religiosas, e as interpreta de uma maneira poética, que representa uma certa resistência, pois ao invés de se submeter às expectativas de uma fé devocional, ela reinterpreta a religião conforme sua própria maneira sensível de ver coisas.

Quando ela afirma que Marilla também “acharia mais fácil ser ruim do que boa se tivesse o cabelo ruivo”, está questionando as definições habituais de bondade e comportamento. Ao fazer menção sobre o cansaço de cuidar de gêmeos, Anne instiga a ideia de que uma menina em sua posição deveria orar todas as noites, manifestando um senso de autonomia e uma perspectiva realista que desafiam a idealização de obediência.

O diálogo entre Anne e Marilla evidencia como as normas religiosas e sociais que Marilla segue buscam moldar a identidade de Anne, mas ela subverte essas expectativas com seu olhar poético e independente. A insistência de Marilla ao dizer “Enquanto viver sob o meu teto, você tem de fazer suas orações, Anne” representa o seu poder sobre a garota e o esforço da sociedade para impor uma identidade devocional e submissa às meninas.

A próxima amostra a ser analisada encontra-se no capítulo “A senhora Rachel Lynde fica devidamente horrorizada”, e acontece no momento em que a senhora Lynde, uma mulher muito respeitada em Avonlea, avalia a aparência de Anne de forma direta e ofensiva.

- Bem, não foi pela beleza que escolheram você, isso é certo e garantido - foi o enfático comentário da senhora Rachel Lynde. A senhora Rachel era uma daquelas pessoas populares e encantadoras que se orgulhava de falar o que pensava sem medo ou consideração. - Ela é terrivelmente magra e feiosa, Marilla. Venha cá, menina, e deixe-me olhar bem para você. Minha nossa, alguém já viu sardas como estas? E cabelos da cor de cenouras! Venha cá, menina, eu já disse.  
Anne “foi lá”, mas não exatamente do modo como a senhora Rachel esperava. Com um pulo, atravessou o piso da cozinha e ficou de pé diante da senhora Rachel, com o rosto escarlate de raiva, os lábios trêmulos e corpo esguio tremendo inteiro da cabeça aos pés.
- Eu a odeio - exclamou ela com a voz embargada, pisoteando o chão. - Eu a

odeio... Eu a odeio... Eu a odeio... - E pisoteava o chão com mais força a cada declaração de ódio. - Como se atreve a me chamar de magra e feia? Como se atreve a dizer que sou sardenta e ruiva? A senhora é uma mulher grossa, mal-educada e insensível!

- Anne! - exclamou Marilla, consternada.

Mas Anne continuou a encarar a senhora Rachel impavidamente, com a cabeça erguida, olhos em chamas, punhos cerrados e uma indignação exaltada emanando dela como uma atmosfera.

- Como ousa dizer tais coisas de mim? - repetiu ela com veemência. - Gostaria que dissessem essas coisas sobre a senhora? Gostaria de ouvir que a senhora é gorda e desajeitada e que provavelmente não tem uma centelha de imaginação? Não me importo se eu de fato a magoe ao dizer isso! Espero mesmo que tenha magoado. A senhora me magoou mais até do que fui magoada pelo marido embriagado da senhora Thomas. E jamais a perdorei por isso, jamais, jamais! (Montgomery, 2019, p. 75 - 76)

Nessa passagem Rachel Lynde aparece como uma figura de autoridade social e se considera no direito julgar Anne, usando sua posição de prestígio na comunidade para fazer críticas negativas e desvalorizar a menina. Com isso, ela exerce poder sobre Anne ao tentar reduzi-la a uma imagem que considera desprezível, esperando que a garota aceite passivamente julgamentos sobre sua aparência e comportamento.

A senhora Lynde, ao criticar a aparência e chamá-la de “magra e feiosa”, aplica uma norma que impõe um valor estético às meninas, como se seu valor pudesse ser medido pela aparência. Segundo Butler (2019), as normas sociais não apenas regulam os corpos, mas também moldam a materialidade da identidade por meio do discurso. No que se trata de Anne, Rachel tenta impor uma imagem negativa sobre ela colocando-a fora dos padrões aceitáveis de feminilidade como se sua magreza e cabelo ruivo a tornassem inferior e menos valiosa, esperando que a menina reaja de maneira submissa, aceitando o comentário sem questionamento.

Anne, no entanto, não reage ao julgamento como a mulher espera, e responde com uma indignação intensa e forte, expressando sua raiva e sua recusa em aceitar a posição submissa que Rachel a coloca, representando uma resistência ao poder que Rachel tenta exercer sobre ela. A garota desafia diretamente o poder de Rachel ao perguntar “como ousa dizer tais coisas sobre mim?” e questionar como ela reagiria se fosse chamada de “gorda e desajeitada”. Nesse momento, Anne não apenas recusa a

posição de inferioridade, mas também rejeita ser moldada pelas expectativas sociais de conformidade feminina. Sua explosão e discurso são uma forma de subverter a dinâmica ao apontar as falhas que Rachel tenta esconder, questionando implicitamente a autoridade que a mulher assume, além de afirmar sua individualidade contra a normatividade que tenta regulá-la.

Retomando ao que Butler (2019) argumenta, a materialização do corpo ocorre em parte pela resistência às normas que tentam controlar sua significação. Dessa forma ao confrontar Rachel, Anne impede que o discurso de “magricela e feiosa” defina sua identidade, recusando a posição de abjeto que lhe é imposta.

O discurso de Anne nesse fragmento é um exemplo de como ela afirma sua identidade única e sua dignidade diante de pessoas que tentam rebaixá-la, e resiste ao poder regulatório de figuras de autoridade que tentam moldá-la com base em normas de gênero e aparência.

As seguintes amostras estão situadas no capítulo “Uma tempestade no copo d'água da escola” e acontecem na sala de aula enquanto Gilbert Blythe tenta chamar atenção de Anne de maneira provocativa, enquanto ela se recusa a ceder à humilhação, e mais tarde ignora suas desculpas, e, apesar do pouco diálogo percebemos como a dinâmica de poder se revela por meio da interação dos dois.

Gilbert Blythe não estava acostumado a se dar o trabalho de fazer com que uma garota olhasse para ele e fracassar nisso. Ela deveria olhar para ele, aquela tal de Shirley, ruiva e com o queixinho pontudo e os olhos grandes que não eram como os olhos de nenhuma outra garota na escola de Avonlea.

Gilbert estendeu o braço, pegou a ponta da longa trança vermelha de Anne, segurou-a bem alto, e disse em um sussurro bem agudo:

- Cenouras! Cenouras!

Então, Anne lançou um olhar fulminante para ele!

Ela fez mais do que olhar. Levantou-se com um pulo, pois seus devaneios vívidos haviam sido completamente arruinados. Ela lançou um olhar de indignação para Gilbert com olhos cuja centelha de raiva foi rapidamente apagada por lágrimas de semelhante raiva.

- Seu garoto mau e detestável! - exclamou ela intensamente. - Como ousa?!

E então... pou! Anne batera com a sua lousa na cabeça de Gilbert e a quebrara, a lousa e, e não a cabeça, ao meio. (Montgomery, 2019, p. 124 - 125)

Quando a aula terminou, Anne marchou para fora com sua cabeça vermelha

erguida. Gilbert Blythe tentou interceptá-la na entrada do pórtico.  
 - Lamento muito por ter zombado do seu cabelo, Anne - sussurrou ele com arrependimento. - Sinceramente. Não fique com raiva para sempre. Anne passou por ele com desdém, sem olhar ou dar sinal de que o ouvira. (Montgomery, 2019, p. 126)

Nesses fragmentos encontra-se uma dinâmica onde Gilbert tenta afirmar seu poder sobre Anne usando o bullying como uma forma de demonstrar isso, fazendo uma piada sobre o cabelo dela, como uma tentativa de reafirmar sua posição, visto que está acostumado a receber a atenção das meninas e não suporta a indiferença de Anne.

O garoto faz uso da sua popularidade e da sua confiança para provocar Anne, assumindo que ela iria reagir de forma submissa, o que faz com que esse comportamento reflita normas de gênero nas quais os meninos são incentivados a expressar domínio esperando que as meninas respondam com aceitação ou admiração, principalmente quando vem de figuras populares ou respeitadas.

Ao chamar Anne de “cenoura” e zombar do cabelo dela, Gilbert tenta colocá-la em uma posição subalterna, rebaixando-a diante dos outros alunos, mostrando uma atitude de tentar demonstrar poder onde o bullying serve como um meio de controle social, reafirmando quem está em uma posição de superioridade e quem é vulnerável a julgamentos externos.

Fairclough (2013), discute que normas ideológicas e culturais frequentemente se apresentam como “bom senso” e, assim, naturalizam as desigualdades de poder, especialmente nas relações sociais, incluindo as de gênero. Ele observa que o poder é exercido e mantido por meio de normas culturais que se tornam invisíveis ao se incorporarem nas interações diárias, o que ajuda a sustentar e legitimar relações desiguais de poder. Quando analisamos o caso de Gilbert e Anne, entendemos que a norma cultural de que as meninas deveriam aceitar passivamente as brincadeiras dos meninos é uma forma de “bom senso” que legitima um comportamento de superioridade e poder masculino.

No entanto, Anne não responde da maneira como era esperado, em vez de aceitar a provocação, ela responde com raiva e indignação, ao quebrar a lousa em sua cabeça e o rejeitando completamente, até mesmo o seu pedido de desculpas. Essa reação de

Anne expressa uma rejeição da norma cultural e da dinâmica de poder que Gilbert tenta impor, rompendo a expectativa de passividade e desafiando a legitimidade de Gilbert, subvertendo o papel de gênero que ele espera que ela assuma.

Anne afirma sua identidade e autonomia, ao responder ao insulto de Gilbert de forma firme, e ao se recusar a perdoá-lo, ela impõe o seu direito de definir como será tratada, em vez de permitir que as normas culturais moldem suas atitudes, revelando sua personalidade.

A nossa última amostra escolhida para análise também se encontra no capítulo “Uma tempestade no copo d’água da escola” e acontece após o episódio de Anne e Gilbert, e mostra como o senhor Phillips reage diante do ocorrido e demonstra sua dinâmica de poder e autoridade.

O senhor Phillips desceu a fileira entre as carteiras furioso e pousou a mão pesada no ombro de Anne.

- Anne Shirley, o que significa isso? - disse ele com raiva. Anne não respondeu. Esperar que ela falasse diante de toda a escola que fora chamada de “cenouras” era pedir demais. Foi Gilbert quem falou com firmeza.
- A culpa foi minha, senhor Phillips. Eu impliquei com ela. O senhor Phillips não deu ouvidos a Gilbert.
- Lamento muito ver uma aluna minha demonstrar tal temperamento e espírito vingativo - falou ele em tom solene, como se o simples fato de ser aluno dele fosse capaz de remover de vez todos os desejos perversos dos corações de pequenos e imperfeitos mortais. - Anne, vá e fique de pé no tablado em frente ao quadro-negro pelo resto da tarde.

Anne teria preferido levar chibatadas a este castigo perante o qual o seu espírito sensível tremia como se de fato levasse chibatadas. Com o rosto lívido e retesado, ela obedeceu. O senhor Phillips pegou um giz e escreveu no quadro-negro bem acima da cabeça dela.

“Ann Shirley tem um temperamento ruim. Ann Shirley precisa aprender a controlar seu temperamento”, e depois leu isso em voz alta para que até as crianças da classe de alfabetização, que ainda não sabiam ler, conseguissem entender.

Anne ficou de pé ali pelo resto da tarde com aquela legenda acima da cabeça. Ela não chorou ou abaixou a cabeça. A raiva ainda fervia em seu coração, e foi isso que a fez suportar a agonia de sua humilhação. Com olhos ressentidos e bochechas coradas de ódio, ela encarou da mesma maneira o olhar solidário de Diana e as balançadas de cabeça indignadas de Charlie Sloane e os sorrisos maliciosos de Josie Pye. Quanto a Gilbert Blythe, ela sequer olhava para ele. Ela jamais tornaria a olhar para ele! Jamais dirigiria a palavra a ele! (Montgomery, 2019, p. 125 - 126)

Nessa amostra nos é apresentada uma dinâmica de poder e autoridade exercida pelo professor Phillips sobre Anne, de maneira humilhante e arbitrária, pois mesmo diante da confissão de Gilbert ele o ignora e penaliza apenas Anne, utilizando seu poder como educador para discipliná-la publicamente.

Diante disso, Fairclough (1992) discute que, à medida que os marcadores explícitos de poder se tornam menos evidentes, surgem marcadores encobertos de assimetria de poder que, em vez de desaparecerem, se tornam mais sutis. Dessa forma, Fairclough nos mostra que, mesmo quando as formas óbvias de poder se tornam menos visíveis, o poder ainda está presente, mas de uma maneira sutil. Isso significa que as desigualdades de poder não desaparecem; elas apenas se disfarçam em interações cotidianas.

Em sua posição de autoridade o professor exerce o seu poder ao escolher não escutar Gilbert e direcionar a punição exclusivamente para Anne, humilhando ela publicamente, colocando-a em uma posição inferior sem permitir que ela se defenda. O professor espera que Anne aceite a punição e entenda a mensagem escrita no quadro como um lembrete de sua falta de controle. Essa atitude reforça um poder que espera que a garota se adeque passivamente às normas de comportamento, controlando suas emoções para não ir contra a ordem.

O professor Phillips utiliza uma forma de poder sutil ao expor e envergonhar Anne, escrevendo uma frase que impõe sobre ela a identidade de aluna indisciplinada, impondo um castigo moral duradouro que afeta a autoestima de Anne, além de reforçar seu poder significativo sobre ela. O silêncio imposto a ela, ao mesmo tempo em que Gilbert é ignorado, expõe uma expectativa de que Anne internalize a sua culpa e a definição do seu comportamento como inaceitável.

Embora Anne obedeça e fique em frente a toda a turma até o fim da aula, sua reação ao castigo não é de submissão, ela mantém sua postura e se recusa a abaixar a cabeça, mostrando sua resistência de forma silenciosa. Anne não permite que a culpa que o professor lhe impõe a faça se sentir abalada e mantém seu olhar firme, rejeitando a expectativa de que ela se sinta envergonhada.

Sendo assim, essa passagem expõe como o poder é exercido de forma indireta para legitimar hierarquias e controlar o comportamento, especialmente em meninas, além de evidenciar a autonomia e resistência de Anne diante do que lhe é imposto.

Diante dos discursos analisados de Anne Shirley nas suas interações com personagens como Marilla Cuthbert, Rachel Lynde, Gilbert Blythe e o professor Phillips, foi possível perceber a forma como a personagem desafia e expõe as dinâmicas de poder e normas de gênero durante a narrativa de ANNE DE GREEN GABLES. A maneira como Anne se posiciona, seja resistindo abertamente ou rejeitando de forma silenciosa, rompe com as expectativas sociais e constrói sua personalidade autônoma.

## 5 CONCLUSÃO

Com base nos objetivos propostos para compreender como a personagem Anne Shirley desafia as normas sociais e promove o empoderamento feminino, foram abordadas nesse estudo, as interações da personagem com figuras de diferentes âmbitos como figuras paternas (Marilla Cuthbert e Matthew Cuthbert), figuras sociais (Rachel Lynde), figuras de autoridade educacional (professor Phillips) e colegas de escola.

Primeiramente, foram descritos e categorizados os processos avaliativos para identificar as reações, atitudes e os valores de Anne expressos em seus discursos. Por meio de uma investigação detalhada desses processos, constatou-se que Anne utiliza confrontos diretos e recusas implícitas para questionar normas sociais e resistir à imposição de valores alheios. O uso da Atitude e da Gradação em seus discursos revela sua força emocional e intelectual, expondo uma crítica às normas sociais que perpetuam dinâmicas de poder assimétricas e limitam a autonomia feminina.

A partir da análise das dinâmicas de poder presentes nas interações de Anne com outras personagens, observou-se como as figuras de autoridade tentam controlar o comportamento de Anne ou humilhá-la como é o caso do professor Phillips que revela uma dinâmica de poder assimétrica, enquanto com Gilbert Blythe, Anne subverte a normatividade de gênero que legitima comportamentos de poder social masculino. Por meio da Avaliatividade, notou-se que Anne expressa uma postura crítica em relação às atitudes e posições dessas figuras, o que contribui para sua construção como uma personagem independente e questionadora.

Os resultados apontaram que as escolhas lexicais de Anne, intensificadas por estratégias de Gradação, reforçam sua atitude desafiadora e autônoma, consolidando-se como uma personagem literária complexa e multifacetada. Sua postura crítica e sua capacidade de articular valores e julgamentos positivos ou negativos revelam uma identidade que resiste às imposições normativas e questiona ativamente a estrutura social que subjuga as mulheres.

Assim, nessa análise compreendemos Anne não apenas como uma figura que questiona e desafia as normas, mas também como uma personagem que resiste ativamente à imposição de papéis e comportamentos que reduzem sua autonomia, transformando a maneira como os papéis femininos são vistos na narrativa. Através da sua postura e discursos Anne se destaca como uma agente de transformação social que contesta as limitações que lhe são impostas e afirma seu valor próprio.

Observou-se como as vozes de Anne Shirley não apenas representam uma resistência, mas também servem como um símbolo de empoderamento feminino, reforçando a relevância da personagem como uma voz ativa que desafia e questiona as normas sociais e de gênero. Desse modo, essa análise possibilitou uma compreensão de como a linguagem, por meio dos processos avaliativos, constrói Anne como uma personagem autônoma e com uma identidade feminina resistente.

Ao expandir essa discussão, é válido considerar o impacto de Anne no público contemporâneo. A personagem dialoga com outras figuras literárias como Jo March de “Mulherzinhas”, ambas precursoras de debates sobre autonomia e resistência feminina. Além disso, a obra de Montgomery pode ser inserida no contexto das discussões feministas que se intensificaram no século XX, mesmo que escrita antes do movimento ganhar força plena. Anne Shirley antecipa preocupações sobre ao afirmar valores de independência e autodeterminação em um período de rígidas normas sociais.

Por fim, esse estudo contribui para o campo dos estudos literários e da Análise Crítica do Discurso, ao demonstrar como o discurso pode ser uma ferramenta de resistência e empoderamento em contextos de normatividade social. Além de incentivar a reflexão sobre como os discursos literários podem influenciar percepções sociais e identidades de gênero, mostrando a relevância da obra no contexto atual ao analisar como os temas abordados ainda ressoam nas questões contemporâneas de gênero.

Estudos como esses podem ser feitos com outras obras e personagens literárias, explorando como os discursos em diferentes contextos podem expressar resistência e moldar identidades. A aplicação da ACD aliada a Avaliatividade, possibilitam compreender como a linguagem constrói significados sociais e revela ideologias culturais.

## REFERÊNCIAS

- ABORDAGEM INTERPRETATIVISTA E MÉTODO QUALITATIVO NA PESQUISA DOCUMENTAL: DESCRIÇÃO GERAL DAS ETAPAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 100–113, 2022. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/18159..> Acesso em: 26 out. 2024
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** Tradução: Sérgio Millet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEAUVOIR, Simone. **A força da idade.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam:** sobre os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de Ficção.** 9 ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 1998.
- COWARD, Rosalind. **Patriarchal precedents:** sexuality and relations. London: Routledge & Kegan Paul, 1983.
- DE OLIVEIRA, Derli Machado. **O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE:** Aspectos teóricos e práticos. Revista Fórum Identidades, Itabaiana-SE, 2014.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis:** the critical study of language. London: Longman, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse:** textual analysis for social research. Londres and Nova York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power.** Abingdon: Routledge, 2nd edition, 2013.

GILLIGAN Carol. **In a different voice: Psychological theory and women's development.** Harvard University Press. 1982.

GOMES, Nathalia Roman. **Construção da representação identitária feminina nas enunciações filmicas de “jogo de cena”.** 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, 2019.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves.; VIAN JR., Orlando. **Resenha de The Language of evaluation: Appraisal in English.** Revista D.E.L.T.A. n. 23, v. 2, pp. 371-381. 2007.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal in English.** New York: Palgrave, 2005.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables.** Jandira/SP: Ciranda Cultural: 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RASQUEL, Sandra Gomes. **Um estudo crítico discursivo e das marcas avaliativas da responsividade nas cartas do leitor relativas à reforma da previdência em jornais paulistas.** 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas.** Linguagem em (Dis)curso, v. 5, n. 1, p. 185-207, 2004.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Francisco Daniel Batista da; MAIA, Kelvy Wanderson de Moraes; MULLER, Rafael Gonzaga. Hegemonia. In: IRINEU, Lucinaldo Machado; PEREIRA, Adriano dos Santos; SILVA, Ametista de pinho Nogueira; SANTANA, Ana Lorena dos Santos; LIMA, Fernando Henrique Rodrigues de; SANTOS, Suellen Fernandes dos (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica: Conceitos-chave.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 85-105.

SOUZA, Anderson Alves de. **Gradação: força e foco.** In: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema da Avaliatividade.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 191-204.